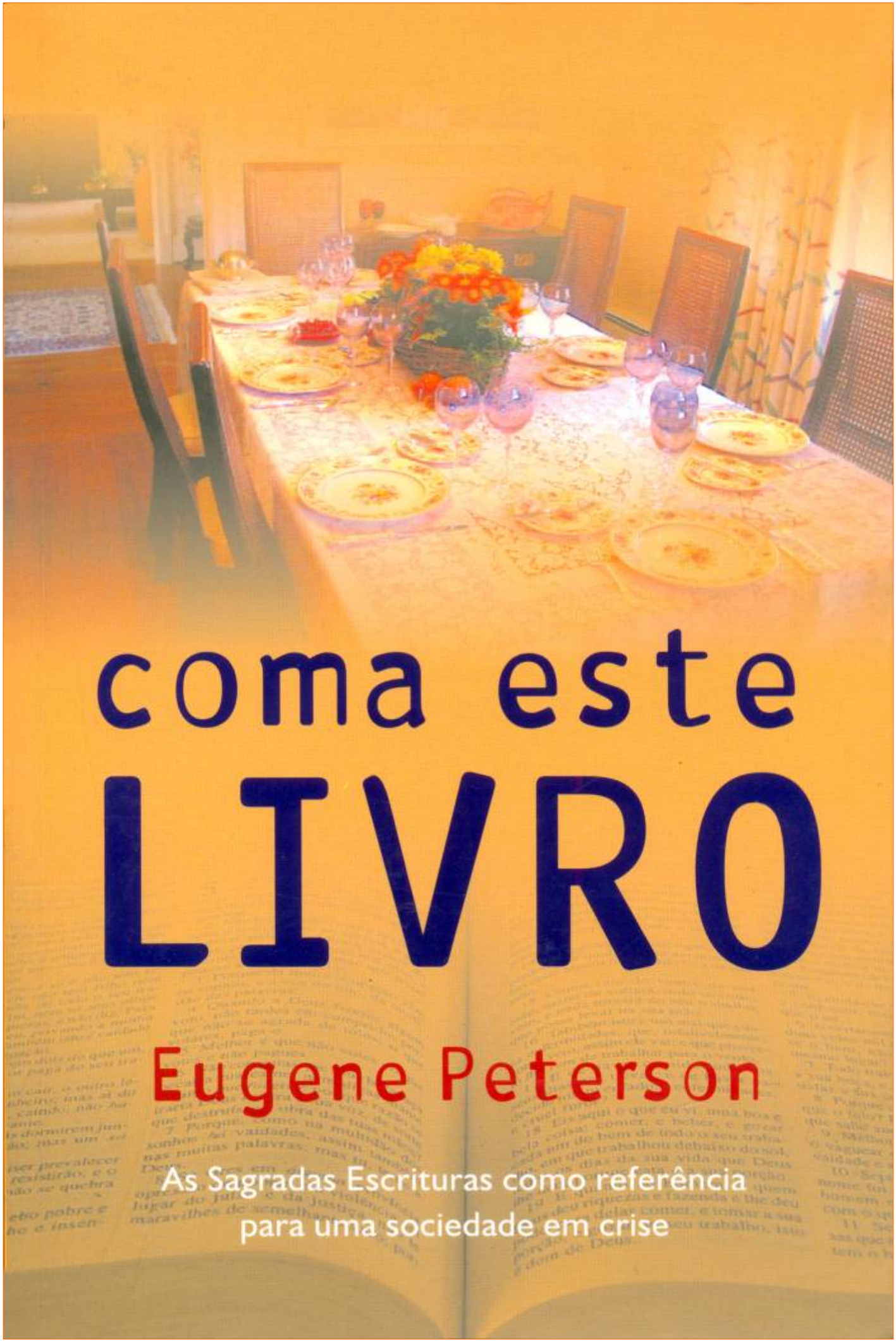


coma este LIVRO

Eugene Peterson

As Sagradas Escrituras como referência
para uma sociedade em crise

Coma este Livro

A comunidade santa à mesa com as Sagradas Escrituras

Eugene H. Peterson

Título original: Eat this Book
© 2000 by Eugene H. Peterson
© 2004 Editora Textus
Supervisão Editorial: Alzeli Simas
Tradução: Josué Ribeiro
Revisão: Carlos Buczynski
Diagramação: Pedro Simas
Capa: Oliverartelucas
Primeira edição em português - Outubro de 2004
As citações bíblicas desta obra são da Bíblia Sagrada - Edição Revista e Atualizada (2ª edição) da tradução de João Ferreira de Almeida © 1956, 1993 de Sociedade Bíblica do Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P578c
Peterson, Eugene H., 1932-
Coma este Livro : a comunidade santa à mesa com as Sagradas Escrituras / Eugene H. Peterson ; tradução de Josué Ribeiro.
- Niterói, RJ : Textus, 2004
Tradução de: *Eat this Book*
Inclui bibliografia
ISBN 85-87334-76-X
1. Bíblia - Comentários. 2. Bíblia - Estudo. I. Título.
04-2450. CDD 220.7
CDU 22.07
15.09.04 20.09.04 007640

Digitalizado por sssuca [*]



[*] Após ter digitalizado este livro, encontrei uma versão dele na internet, sem informações editoriais, capas e nem divisão por capítulos. Por isso, resolvi disponibilizar este e-book, que está completo.

Sumário

Apresentação à Edição Brasileira.....4

Introdução.....6

Capítulo I – As Escrituras como Texto 11

Capítulo II – As Escrituras como Forma 22

Capítulo III – As Escrituras como um *Script* 36

Notas..... 51

Abas

"Queremos uma espiritualidade que envolva o mundo", afirma Eugene Peterson, uma espiritualidade que seja capaz de dar conta das complexidades e enormidades da vida na era da globalização.

Tendo o apóstolo João e o profeta Jeremias como modelos, Peterson nos conduz através da prática da leitura bíblica, ensinando-nos a estabelecê-la como centro de nossas vidas, ou seja, ocupando o lugar que lhe é devido.

- - - - -

Eugene Peterson é professor emérito de Teologia da Espiritualidade na Regent College, no Canadá. Antes disso, ele foi pastor da Igreja Presbiteriana Cristo Nosso Rei, em Bel Air, Maryland, EUA, durante 29 anos. Escreveu vários livros, entre eles:

Corra com os Cavalos,

Onde Está o Seu Tesouro,

Transpondo Muralhas,

Um Pastor Segundo o Coração de Deus,

O Pastor Contemplativo

e *O Pastor que Deus Usa.*

Apresentação à Edição Brasileira

Quando a dinâmica da vida cristã torna-se mais humanista e menos escriturística torna-se necessário um vento que nos leve de volta à paixão pela Palavra e dependência do Seu Autor.

Eugene Peterson, ao olhar o mundo com os olhos de um professor de teologia espiritual percebe que estamos nos tornando a cada dia uma comunidade cristã mais voltada para os resultados do evangelho e não para seus valores. Cultuamos os frutos, mas não observamos a qualidade da semente plantada. Elevamos as grandes experiências, mas não as passamos pelo crivo das Escrituras. Aplicamos a Palavra à vida diária, mas não aplicamos a vida diária à Palavra. É necessário voltar às Escrituras.

No Brasil sofremos pela forma como, historicamente, não temos conciliado vida piedosa com o zelo pela Palavra, exercício da fé com convicção teológica, expectativas humanas com critérios escriturísticos. Os extremos são perigosos. Desde os santos e piedosos que negligenciam as convicções bíblicas quanto os teologicamente embasados que vivem sem compromisso e intimidade com Deus. Nosso desafio é conciliar a vida cristã à Palavra do Eterno em nossa história pessoal.

A partir dos anos 80 houve no Brasil uma crescente ênfase no esforço de tornar a Palavra de Deus ao alcance do povo. Hoje nós a temos em diversas formas e versões desde as Bíblias de fácil acesso à população geral com linguagem simplificada até as versões mais personalizadas com instrumentos de pesquisa. Entretanto, olhando para trás, podemos perceber que este foi apenas uma parte do caminho. Tornar a Palavra de Deus acessível não resultou, necessariamente, no amadurecimento espiritual e teológico da nossa geração. Algumas conclusões são bem conhecidas. Não basta ler a Palavra. É necessário compreendê-la. Não basta expor a Bíblia. É necessário fazê-lo com fidelidade. Não basta conhecer os textos. É necessário aplicá-los à própria vida. Veremos uma geração amadurecida e comprometida com a Palavra de Deus quando o texto sagrado tornar-se algo mais do que um livro de auto-ajuda, para alguns ou um compêndio de fria consulta teológica para outros.

Vejo três grandes perigos, no Brasil, em nossa presente linha bíblico-teológica:

- Dos resultados substituírem o caráter no perfil do cristão;
- Da capacidade humana substituir a procura por dependência de Deus;
- Das estratégias para a aplicação do evangelho substituírem a fidelidade à Palavra.

Em 1 Crônicas 12 encontramos Davi prestes a ser coroado Rei em Hebrom "segundo a palavra do Senhor". A partir do verso 24 lemos uma longa lista de clãs e famílias que subiram para a peleja em cumprimento da visão de Deus, entretanto no verso 32 quando se falava sobre "os filhos de Issacar" o Espírito Santo decidiu imprimir ali duas expressões de impacto sobre aquele clã quando afirmou que:

...da tribo de Issacar, 200 chefes que sabiam como Israel deveria agir em qualquer circunstância. Comandavam todos os seus parentes...

A expressão "conhecedores da época" pode ser literalmente traduzida por "estudiosos dos fatos" ou ainda "conhecedores da história e suas implicações". O texto, portanto, fala sobre homens que eram informados, atualizados, que possuíam percepção do que acontecia ao seu redor.

A Segunda expressão de impacto sobre estes "filhos de Issacar" é justamente "... para saberem o que Israel devia fazer", ou seja, com "discernimento" sobre que caminho tomar.

Todas as famílias e clãs ali listados caminhavam juntos com o alvo de coroar a Davi, na visão geral de Deus, entretanto havia entre eles homens que iam além da dinâmica da massa; que estudavam a história, discutiam as implicações dos fatos, se atualizavam a cada dia; homens que provavam as informação e buscavam discernimento do Alto sobre o que fazer. Eles eram estudiosos, entretanto também piedosos. Acadêmicos, mas orientados pelo Espírito. Usavam o intelecto, mas queriam ouvir a voz de Deus.

Vivemos um momento histórico onde precisamos de "filhos de Issacar" em nosso meio. Pastores, líderes e crentes que olhem além do horizonte, que estudem a época e a história ao mesmo tempo em que se submetam a Deus. Que usem ao máximo o raciocínio e conhecimento acumulados em nossa teologia, mas também busquem ao Senhor com toda a força de suas almas. Que vivam no século 21 com sua nova tecnologia e comunicação disponíveis, mas não abram mão daquele momento em que o Espírito diz "este é o caminho, andai por ele".

Que este livro nos ajude nesta caminhada, permitindo que a Palavra entre nas áreas mais íntimas e influentes da nossa alma.

Ronaldo Lidório

Missionário e Tradutor Bíblico

Introdução

A Escritura cristã é o texto primário para a espiritualidade cristã. Nós não organizamos nossa vida cristã com base numa coletânea de textos favoritos, em combinação com circunstâncias individuais; somos edificados pelo Espírito Santo, seguindo os textos das Sagradas Escrituras. Deus não nos delega a responsabilidade pela formação de nossa espiritualidade pessoal; nós crescemos de acordo com a Palavra revelada e implantada em nós pelo Espírito Santo.

Recentemente, um amigo me contou sobre um conhecido seu, um homem acostumado a ler a Bíblia, que um dia percebeu que sua vida não estava mudando como ele achava que a Bíblia faria; a partir daquele momento, em suas próprias palavras, ele decidiu "colocar a si próprio como autoridade em sua vida, em vez da Bíblia". Grande parte de nossa cultura, tanto secular como religiosa, apoia a decisão desse homem. Isso se tornou uma característica da espiritualidade contemporânea: colocar a soberania do próprio ser como base das decisões. Os resultados, porém, não são muito encorajadores: a recente onda de interesse pela espiritualidade não parece ter produzido qualquer derramamento visível de justiça energética e amor fiel, os dois acompanhamentos mais óbvios de uma espiritualidade cristã saudável e santa. De fato, hoje chegamos a um ponto no qual o termo "espiritualidade" é mais adequado para designar misticismo superficial do que vidas intensas, exuberantes e piedosas — o tipo de vida que historicamente sempre foi associado ao termo.

Meu desejo é conter essa prática comum de adotar a experiência pessoal, em vez da Bíblia, como autoridade para a vida. Desejo resgatar a Escritura cristã, retirando-a da periferia da imaginação contemporânea, onde foi rudemente trancafiada, restabelecendo-a ao centro, como regra para a vida cristã de maneira profunda e perfeita. Juntamente com isso, desejo recuperar aquilo que uma vez Austin Farrer chamou de "disciplina proibida da leitura espiritual", que as pessoas comuns têm caracteristicamente levado para esse texto que edifica suas almas.[1] Proibido por causa dos intermináveis subterfúgios que concebemos para evitar os riscos da fé em Deus; proibido por causa de nossa incansável criatividade em usar todo o conhecimento de "espiritualidade" que adquirimos para estabelecer a nós mesmos como deuses. Realmente proibido. Nossos ancestrais estabeleceram essa "disciplina proibida" (a frase que usavam era *Lectio Divina)* [2] como o currículo básico na mais exigente das escolas — a escola do Espírito — estabelecida por Jesus quando Ele disse aos discípulos: *Mas quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade. Não falará de si mesmo; falará apenas o que ouvir, e lhes anunciará o que está por vir. Ele me glorificará, porque*

receberá do que é meu e o tornará conhecido a vocês. (Jo 16.13,14; veja também 14.16; 15.26; 16.7,8). Um dos sintomas de nossa negligência é o fato de que, nos nossos dias, é raro, nas igrejas e nas escolas (a Regent College é uma feliz exceção), proporcionar qualquer diretriz substancial ou treinamento nessa disciplina de leitura espiritual, ou, mais exatamente, dirigida pelo Espírito Santo.

Desejo confrontar e denunciar essa substituição da autoridade da Bíblia pela autoridade pessoal. Desejo colocar a experiência pessoal sob a autoridade da Bíblia e não acima dela. Desejo apresentar a Bíblia diante dos leitores como o texto mediante o qual devemos viver nossas vidas.

Atualmente, há um enorme interesse na alma humana. Nas igrejas, esse interesse pela alma é evidenciado num reavivamento da atenção nas questões de direção e formação espiritual. No entanto, não há um reavivamento correspondente no interesse pelas Sagradas Escrituras. A direção e a formação espiritual exigem que dependamos da obra do Espírito Santo em nossa vida individual, corporativa e pública. No entanto, aqueles que são entusiastas em relação a essa obra, com freqüência (e até tipicamente) são desinteressados pelas Sagradas Escrituras, o livro que foi nos dado por intermédio do Espírito Santo. Com urgência precisamos fazer com que o nosso interesse pela nossa alma seja equiparado por um interesse pelas Escrituras — e pela mesma razão: ambos são o campo primário da ação do Espírito Santo. Um interesse pela alma divorciado de um interesse pelas Escrituras deixa-nos sem um texto que modele a alma. Da mesma forma, um interesse pelas Escrituras divorciado de um interesse pela alma nos deixa sem qualquer material sobre o qual o texto possa trabalhar.

Creio que muitos cristãos aceitam a posição de que a Bíblia é o texto autorizado mediante o qual Deus se revela. Não tenciono questionar isso — posição que tem sido bem estabelecida por nossos teólogos e eruditos. Minha tarefa é trazer conscientização e colocar em foco o que está do outro lado da moeda: esse texto, no processo de revelação de Deus, nos confronta com essa revelação e nos transforma em participantes dela. Quero chamar a atenção do leitor para o fato de que a Bíblia, toda ela, é viável; ela é o texto para ser vivido. Ela revela o mundo criado por Deus, ordenado por Deus e abençoado por Deus no qual nos sentimos seguros e completos.

Portanto, deixe-me começar dizendo-lhe que *coma este livro.*

Grave estas três palavras em sua mente e em seu coração com letras tão grandes e gravadas tão fundo, que você jamais será capaz de fugir delas. Permita que este mandamento se instale em sua imaginação, a fim de que assuma um lugar de honra na companhia dos grandes mandamentos do evangelho incrustados no pináculo de sua consciência. Todos carregamos conosco um punhado de mandamentos essenciais que nos mantêm no caminho: Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração... Amarás o teu próximo... Honra teu pai e tua mãe... Arrependei-vos e

crede... Não fiqueis ansiosos... Em tudo dai graças... Orai sem cessar... Segue-me... Ide e pregai... Estou lhe dizendo que acrescente "coma este livro" à sua lista de imperativos evangélicos.

Os cristãos se alimentam das Escrituras. A Sagrada Escritura nutre a Comunidade Santa, assim como o alimento nutre o corpo humano. Os cristãos não se limitam a ler, estudar ou usar as Escrituras; nós a assimilamos e a aplicamos às nossas vidas de tal forma, que ela é metabolizada em atos de amor, oferecimento de copos de água fria para os sedentos, viagens missionárias por todo o mundo, cura, evangelização e justiça em nome de Jesus e mãos levantadas em adoração ao Pai.

A imagem dada pelo proeminente João, o Teólogo, é um bom lugar para começar:

> Assim me aproximei do anjo e lhe pedi que me desse o livrinho. Ele me disse: "Pegue-o e coma-o! Ele será amargo em seu estômago, mas em sua boca será doce como mel. Peguei o livrinho da mão do anjo e o comi. Ele me pareceu doce como mel em minha boca; mas, ao comê-lo, senti que o meu estômago ficou amargo.
>
> (Ap 10.9,10)

Essa figura atrai fortemente nossa atenção. João, esse fascinante apóstolo, pastor e escritor da Igreja Primitiva, é uma figura importantíssima. Ele foi pastor de sete pequenas igrejas submersas no ambiente de sexo, diversão, poder e violência do Império Romano. A tarefa de João era manter a fé dos cristãos intacta, o discipulado ardente e a esperança renovada contra enormes adversidades. Ele não escreveu visando à mera sobrevivência, jogando aos cristãos uma tábua na qual se sustentassem durante a tempestade; ele queria que eles realmente vivessem — mais do que todos que estavam ao redor. Isso é o que os pastores fazem e isso nunca é fácil. Hoje não é mais fácil do que nos dias de João.

Num domingo de manhã, enquanto adorava ao Senhor na prisão, na Ilha de Patmos, João recebeu uma série de visões exuberantes e festivas, as quais tornaram-se famosas. Quando se aproximava da metade das visões, ele viu um anjo gigantesco, com um pé apoiado no mar e outro no continente, tendo um livro em sua mão. Desse abrangente púlpito marítimo-terrestre, o anjo estava pregando as palavras do livro, um sermão explosivo como trovão. Era um sermão durante o qual ninguém dormiria! João começou a anotar o que estava ouvindo (ele nunca ouvira um sermão como aquele antes), mas recebeu ordem para não o fazer. Uma voz lhe disse que pegasse o livro com o anjo enorme, aquele Mensageiro de Deus que pregava do púlpito que dominava o mundo todo. João obedeceu. Ele se encaminhou ao anjo e disse: "Dê-me o livro". O anjo lhe entregou o livro, mas a seguir lhe disse: "Aqui está; coma... Coma

este livro". Não se limite a tomar notas do sermão. Coma o livro. João obedeceu. Ele deixou de lado seu bloco de notas e sua pena. E comeu o livro (Ap 10.9,10a).

Essa figura, como todas as outras no Apocalipse de João, é complexa; é uma fusão de imagens desde Moisés e os profetas até Jesus. Essa visão do anjo pregando também está repleta de ressonâncias e ecos. Entretanto, o que parece mais imediato e óbvio é que o anjo poderoso está pregando com base na Bíblia, a Escritura Sagrada. O livro que João comeu era a Bíblia ou pelo menos as partes da Bíblia que já tinham sido escritas na época. A palavra livro (no grego *bíblia,* que chegou até nós, em nossa linguagem, como a Bíblia) sugere que a mensagem que Deus nos dá tem significado, conteúdo e propósito. Escrever um livro envolve ordenar as palavras de forma a alcançar um propósito. As palavras precisam fazer sentido. Em outras palavras, nós não conhecemos a Deus mediante um processo de dedução ou de adivinhação: Deus se revela a si mesmo. Essas palavras bíblicas revelam o Verbo que criou o céu e a terra; revelam o Verbo que se fez carne em Jesus para a nossa salvação. A Palavra de Deus é escrita, entregue a nós e traduzida de forma que possamos aplicá-la. Nós manuseamos a Bíblia e a lemos de modo que possamos ouvir e responder às suas palavras criativas e salvadoras; assim, nós entramos, em primeira mão, na criação e na salvação.

O ato de comer o livro significa que não se trata de um ato objetivo, ou seja, olhar para as palavras e compreender o significado. Comer o livro faz contraste com a forma como a maioria de nós é treinada para ler um livro — desenvolvendo uma objetividade fria que tenta preservar a verdade científica ou teológica, eliminando o máximo possível a participação pessoal. O interessante é que não é a forma como nós começamos. Eu tenho uma neta pequena que come livros. Enquanto eu leio uma historia para seu irmão maior, ela pega outro livro da pilha e leva rapidamente à boca. Ela está tentando absorver o conteúdo do livro da maneira mais rápida que conhece — não por meio dos ouvidos, mas pela boca. Ela não faz uma distinção clara entre olhos e boca. Logo, porém, ela irá para a escola e aprenderá que não é assim que deve fazer. Ela será ensinada a extrair respostas do livro. Ela aprenderá a ler livros a fim de passar nas provas e, depois de ser aprovada, guardar aquele livro e comprar outro.

A leitura que João experimentou, porém, não é do tipo que nos ajuda a passar numa prova. Comer um livro é absorvê-lo todo, assimilando-o nos recônditos de nossa vida. Os leitores se tornam aquilo que lêem. Se a Escritura deve ser algo mais do que simples boato sobre Deus, então deve ser colocada em nosso interior. Muitos cristãos têm opiniões sobre Deus e não hesitam em expressá-las. No entanto, só porque uma conversa (ou sermão, ou aula) tem em seu conteúdo a palavra Deus, não quer dizer que seja verdade. João não foi instruído a compartilhar informações sobre Deus; ele recebeu ordem de assimilar a Palavra de Deus de modo que, quando falasse, ela se expressasse

claramente em sua oratória, assim como o alimento que nós comemos, quando somos saudáveis, é inconscientemente assimilado em nossos nervos, músculos e colocado para funcionar nas palavras e nas ações.

João não foi o primeiro profeta bíblico a comer um livro como se fosse um sanduíche de pão com mortadela. Ezequiel também recebeu um livro e recebeu ordem para comê-lo (Ez 2.8-3.3). Jeremias também "comeu" a revelação de Deus, sua versão da Bíblia Sagrada (Jr 15.16). Ezequiel e Jeremias, como João, viveram numa época na qual havia uma ampla pressão para uma vida num formato muito diferente daquele revelado por Deus nas Escrituras Sagradas. A dieta do Espírito Santo para os três consistia de frases de uma força incomum, metáforas de uma clareza fulgurante e uma vida profética de sofrimento corajoso. Se nós corrermos o risco (e certamente corremos) de sucumbir à tendência moderna de deixar as Escrituras de lado e substituí-la pelo texto autorizado de nossa própria experiência — nossas necessidades, desejos e sentimentos — buscando nela a direção para o dia a dia, esses três profetas rústicos (João, Ezequiel e Jeremias), responsáveis pela formação espiritual do povo de Deus em épocas dificílimas (no Exílio na Babilônia e na perseguição romana), devem ser capazes de nos convencer da necessidade fisiológica deles.

Cada palavra neste livro tem a intenção de realizar algo em nós, nos dá saúde integral, vitalidade e santidade, para toda a nossa alma e nosso corpo. É por isso que a Comunidade Cristã tem investido uma quantidade enorme de energia, inteligência e oração em aprender como "comer este livro", seguindo o exemplo de João em Patmos, Jeremias em Jerusalém e Ezequiel na Babilônia. Nós não necessitamos saber tudo para chegar à mesa mas isso nos ajuda a conhecer algo especial já que tantos dos nossos contemporâneos tratam isso como apenas um aperitivo.

Capítulo I

As Escrituras como Texto

Aprendendo o que Deus revela

Nossa vida, quer dizer, nossas experiências (aquilo que necessitamos, queremos e sentimos) são importantes em nossa formação espiritual. Afinal, são exatamente o material que está sendo formado. No entanto, nossas experiências não podem ser usadas como diretrizes da própria formação. Entre outras coisas, espiritualidade significa levarmos nós mesmos a sério. Significa ir contra as tendências culturais nas quais somos incessantemente banalizados e levados à condição de escravos dos produtores e anunciantes, constantemente despersonalizados e rotulados de acordo com nossos diplomas e salários. Entretanto, somos muito mais do que nossa utilidade ou reputação, de onde viemos e a quem conhecemos; nós somos a imagem de Deus única, eterna e impossível de ser reproduzida. Uma vigorosa afirmação da dignidade pessoal é fundamental para a espiritualidade.

Há um senso segundo o qual jamais devemos nos levar a sério demais. No entanto, somos assunto sério. Fomos formados de "modo assombrosamente maravilhoso" (Sl 139.14). Entretanto, é possível encararmos a nós mesmos de forma estreita demais, mas somos muito mais do que genes e hormônios, emoções e aspirações, empregos e ideais; acima de tudo, há Deus. Grande parte, se não tudo, do que e quem somos tem a ver com Deus. Se tentarmos entender e formar a nós mesmos pelos nossos próprios meios, perderemos a maior parte do nosso ser.

Assim, a comunidade cristã sempre insistiu em que as Escrituras Sagradas, que revelam os caminhos de Deus para nós, são necessárias e básicas para nossa formação como seres humanos. Ao lermos a Bíblia, chegamos à conclusão de que o que precisamos não é primariamente informação, algo que nos diga coisas acerca de Deus e de nós mesmos, mas de formação, que nos modele em nosso verdadeiro ser.

A própria natureza da linguagem forma muito mais do que informa. Quando a linguagem é pessoal, que é a sua melhor forma, ela revela; e a revelação é sempre formativa — não sabemos mais, mas nos tornamos mais. Aqueles que melhor utilizam a linguagem, os poetas, os apaixonados, as crianças e os santos, usam as palavras para fazer — fazer declarações, fazer caráter, fazer coisas belas, fazer bondade, fazer verdade.

O Deus revelador e revelado

Nós começamos do princípio. Nós chamamos este livro de "revelação", isto é, Deus nos revelando a si próprio e os seus caminhos; não necessariamente nos contando algo, mas se mostrando. Os livros têm autores. Embora reconheçamos que foi alguém que escreveu as palavras que encontramos nas páginas de nossa Bíblia, as igrejas cristãs sempre afirmaram que, de uma forma ou de outra, Deus é o responsável por esse Livro de uma forma reveladora, em contraste com as formas meramente informativas. A autoridade da Bíblia é imediatamente derivada da presença poderosa de Deus. Em outras palavras, não se trata de uma autoria impessoal, uma coletânea de fatos ou verdades. Não é a autoria erudita que associamos ao conjunto de leis reunidas num livro de Direito, ou a autoridade factual de um livro-texto de matemática. Trata-se de revelação, revelada de forma pessoal — envolvendo-nos em algo, contando-nos de pessoa a pessoa o que precisamos saber para viver nossas vidas como homens e mulheres criados à imagem de Deus.

A comunidade cristã primitiva recebeu uma porção da Bíblia que nós hoje chamamos de Antigo Testamento, a Torá e os profetas, bem como os escritos que eram normativos para o povo judeu e a partir dos quais a igreja cristã foi formada. Para as primeiras gerações de cristãos, aquele livro era a Bíblia cristã. Entretanto, os escritos de Paulo e de outros líderes da antiga comunidade cristã começaram a ter ampla circulação, e as histórias sobre Jesus proporcionavam o conteúdo das boas novas pregadas e ensinadas com alegria e urgência, transcritas e reconhecidas como continuação das Escrituras Sagradas, que já eram honradas, cridas e usadas como base da pregação e do ensino. Gradualmente ficou evidente para todos que os dois conjuntos de escritos eram coerentes entre si, que havia uma continuidade "autoral" entre os escritos judaicos que há tanto tempo já faziam parte de suas tradições e os novos evangelhos e cartas que estavam emergindo a partir da adoração e do testemunho dos cristãos. O reconhecimento não ocorreu de uma vez; levou tempo. Afinal, exigia um ajuste considerável na imaginação para colocar um livro fino escrito por Marcos na mesma categoria que os cinco volumes enormes da Palavra de Deus atribuídos a Moisés. Não era fácil pegar as cartas de Paulo, escritas para grupos iniciantes e desconhecidos de cristãos anônimos, e colocá-las lado a lado com os salmos testados durante séculos e o magistral livro de Isaías. Embora as cartas de Paulo fossem primorosamente escritas, não parecia provável que tal coisa acontecesse. Entretanto, aconteceu. A comunidade dos santos acabou reunindo os dois conjuntos, os dois "testamentos", transformando-os num único livro, nossa Bíblia Sagrada. Em mais ou menos cem anos, os cristãos primitivos tinham essencialmente a mesma Bíblia que nós temos.

Nem todos concordaram com o que foi feito: a votação não foi unânime. Houve facções que não queriam ter nenhum elo com as

Escrituras hebraicas. Eles argumentavam que o Deus em evidência naqueles antigos livros não tinha nem mesmo a mais remota conexão com o Deus revelado e pregado por Jesus. Houve outras facções (vários grupos gnósticos) que foram para o extremo oposto e quiseram incluir tudo o que parecesse bom, com uma mensagem "interior", os muitos textos espiritualmente inspiradores escritos por líderes populares.

A Santa Trindade: mantendo o aspecto pessoal

No que concerne ao entendimento sobre como ler o texto sagrado, há um elemento extremamente significativo para os cristãos dos nossos dias: o que aconteceu quando foram reunidos os dois conjuntos de escritos. Eles começaram com as Escrituras que eram normativas para Israel, o povo de Deus. Logo a seguir adquiriram os novos evangelhos e as cartas escritas a partir da recém formada comunidade cristã. Agora tinham de tratar da continuidade que perceberam nesses conjuntos de livros tão diferentes.

No decurso das discussões e dos processos de redação, o consenso que emergiu foi que, incorporado em todas as diferenças e diversidades, havia uma única voz e era uma voz pessoal — a voz de Deus revelando a si próprio. Eles definiram essa qualidade pessoal e reveladora formulando o que hoje nós chamamos de Trindade. A Trindade é uma construção imaginativa que nos capacita a manter a diversidade da revelação coerente e única. Este não é o lugar para nos engajarmos numa discussão extensiva da Trindade; o que quero dizer nesse contexto é que nossos ancestrais chegaram ao conceito de "Trindade" no processo de leitura dessas mesmas Escrituras que lemos hoje, a fim de mantermos o senso de uma voz pessoal e única no meio de muitas vozes.

Por volta do quarto e quinto séculos, as mentes mais aguçadas da igreja estavam se concentrando em ler essas Escrituras e entender como Deus exerce sua soberania de forma única e pessoal entre nós. A formulação deles sobre a Trindade Santa é uma incrível obra de gênio, grande e detalhada o bastante para incluir tudo o que Deus é e fez, faz e fará e, ao mesmo tempo, mostrar que todos nós estamos incluídos, não importa quem sejamos, o que fazemos ou de onde viemos. Eles trabalharam arduamente e durante muito tempo nessa formulação, convocando concílios, escrevendo livros, argumentando, pregando, fazendo piquetes e, isso mesmo, brigando. Eles sabiam que era importante fazer isso da melhor maneira. Sabiam que não era uma questão para teólogos eruditos — era assunto para as pessoas comuns. Tinha a ver com viver corretamente, com manter todo o conteúdo dessas Bíblias dentro de um aspecto pessoal e praticável.

Em essência, o que eles conseguiram foi isso: ao lermos as Escrituras, percebemos que Deus é único, com uma identidade estável e coerente; mas Deus se revela de várias formas que a princípio nem

sempre parecem se encaixar. Há três formas óbvias nas quais vemos Deus operando e se revelando: o Pai (toda a criação está em perspectiva aqui), o Filho (Jesus Cristo e sua obra de salvação) e o Espírito (o elemento experimentado aqui é a nossa vida sendo colocada na vida de Deus). É sempre o mesmo Deus, mas a "pessoa", a "face" ou a "voz" por meio da qual recebemos a revelação varia.

No entanto, há algo aqui: todas as partes da revelação, todos os aspectos e todas as formas são *pessoais* — a essência de Deus é relacional; assim, tudo o que é dito, tudo o que é revelado, tudo o que é recebido também é pessoal e relacional. Não há nada impessoal, nada meramente funcional; tudo, do princípio ao fim, incluindo o meio, é pessoal. Deus é inerente e inclusivamente pessoal.

O corolário disso é que desde que eu sou uma pessoa, estou pessoalmente envolvido na revelação. Cada palavra que ouço, tudo o que vejo em minha imaginação enquanto a história se desenrola, me envolve relacionalmente, me instiga à participação e diz respeito à essência de minha identidade, afeta quem eu sou e o que faço. O que quero enfatizar é que o pensamento trinitariano se desenvolveu durante cerca de duzentos anos, à medida que nossas mães e pais, pacientemente, com muita oração, inteligentemente, liam os dois testamentos e gradualmente foram percebendo que as diferenças não eram tão diferentes assim. Enquanto liam e ouviam as frases escritas por Isaías e Paulo, Moisés e Marcos, Davi e João, eles percebiam que estavam ouvindo a mesma voz, que eles chamaram de Palavra de Deus. E enquanto ouviam e prestavam atenção a essa voz, perceberam que ela *falava* também com eles — como pessoas que possuíam dignidade, propósito e liberdade, pessoas capazes de crer, amar e obedecer.

O caráter autoral das Sagradas Escrituras foi estabelecido como pessoal nas figuras do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ele era pessoal e por isso era também relacional, o que significava que a leitura e audição das Escrituras exigia participação pessoal e relacional. Esse fato foi acompanhado pelo reconhecimento de que essas Escrituras, nas quais Deus estava revelando tudo o que Ele é, também incluíam tudo o que nós somos: há uma participação pessoal e abrangente de ambos os lados, do autor e do leitor.

Isto pode ser o elemento isolado mais importante que devemos conhecer ao ler e estudar as Escrituras e crer no que ela diz: esse Deus vivo, rico e que se revela de forma pessoal — experimentado como Pai, Filho e Espírito Santo — está falando pessoalmente conosco, qualquer que seja a circunstância na qual nos encontremos, qualquer que seja a nossa idade, qualquer que seja o nosso estado: eu, você, nós.

Não pense nem por um momento que a Trindade é algo inventado pelos teólogos para lidar com mistérios profundos e distantes da vida cotidiana de pessoas como nós, que têm filhos e têm de trabalhar para comer. De forma alguma; foi a obra de cristãos como você e eu (alguns

deles talvez um pouco mais espertos do que você e eu!), aprendendo e ensinando uns aos outros sobre como ler suas Bíblias da forma mais plena, atenta, pessoal e aberta que pudessem. Eles queriam ler de maneira que suas vidas se tornassem coerentes com o texto. Convencidos de que o conteúdo era a autoridade para o viver cristão, agora e na eternidade, eles queriam conhecer tudo e conhecer corretamente.

Despersonalizando o texto

Nem todos, porém, lêem ou querem ler a Bíblia dessa forma. Muitos cristãos a acham interessante por outras razões e são atraídos a ela por outros propósitos. A Bíblia adquiriu a maior autoridade através dos séculos, e isso é considerado como sendo útil, interessante e capaz de ajudar em outras coisas além de nos envolver na revelação de Deus.

Sempre houve um número considerável de pessoas, por exemplo, que são fascinadas pelos *desafios intelectuais* apresentados pela Bíblia. Se você tiver uma mente curiosa e gostar de usá-la para descobrir coisas novas, não poderá achar algo melhor do que se tornar um estudioso das Escrituras Sagradas. Entre em qualquer biblioteca teológica e caminhe entre as estantes, olhando os livros que foram escritos sobre a Bíblia e as versões da Bíblia, e você ficará simplesmente assombrado. Pegue um livro qualquer numa prateleira e quase com certeza você se verá segurando a prova de uma mente de primeira grandeza que andou garimpando essas frases de verdade e chegando a conclusões impressionantes e interessantes. Linguagem, história, cultura, idéias, geografia, poesia... Pense em algo, e o encontrará na Bíblia. Uma pessoa pode passar a vida inteira diante da Bíblia — lendo, estudando, ensinando e escrevendo sobre ela — mas jamais conseguirá esgotar seu conteúdo.

Há outras pessoas que chegam à Bíblia com uma postura *mais pragmática:* querem que tanto elas quanto seus filhos e vizinhos vivam bem. Elas sabem que a Bíblia oferece conselhos sábios e orientações confiáveis para se sobreviver no mundo — para ser saudável, rico e sábio. A Bíblia tem a reputação de traçar uma rota saudável para o comportamento individual e social e essas pessoas querem se beneficiar com isso. As pessoas de modo geral são intratáveis, com tendência para criar problemas. A Bíblia pode nos tirar dos problemas e nos manter no caminho certo.

É claro que sempre há um número considerável de pessoas que lêem a Bíblia em busca daquilo que com freqüência é chamado de inspiração. Há muitas passagens belas e confortadoras nas suas páginas. Quando estamos sozinhos, tristes ou desejando algumas palavras que nos tirem do marasmo, o que poderia ser melhor do que a Bíblia? As empolgantes histórias de Elias, as variadas cadências dos Salmos, a arte da pregação trovejante de Isaías, as charmosas parábolas de Jesus, os ensinos revigorantes de Paulo. Se você estiver à procura de uma leitura

bíblica devocional e confortante, terá de escolher bem — há tanto material disponível, que tanto podem fazer dormir como podem mantê-lo acordado várias noites. No entanto, há pouquíssimo material à venda nas livrarias evangélicas que lhe digam quais partes da Bíblia você deve ler quando quiser consolo ou conforto — ou qualquer outra coisa que sua atual condição requeira.

Não quero ser duro demais com nenhum desses grupos de leitores da Bíblia, especialmente porque eu mesmo já gastei tempo considerável em cada um deles; entretanto, quero chamar sua atenção para o fato conspícuo que, qualquer que seja o grupo de que você faça parte, estará usando a Bíblia com algum propósito, e pode ser que esses propósitos não exijam nada de você em termos de relacionamento. É totalmente possível que nos aproximemos da Bíblia com total sinceridade pelo desafio intelectual que ela oferece, pela direção moral ou pelo incentivo espiritual que ela proporciona, e de forma alguma tenhamos de lidar com um Deus que se revela de forma pessoal e que tem desígnios para nossas vidas.

Ou então, voltando aos termos que usamos no início, é possível lermos a Bíblia a partir de muitos ângulos diferentes e com vários propósitos sem lidarmos com Deus como Ele se revelou, sem nos colocarmos sob a autoridade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, o Deus que está vivo, presente e é responsável por tudo o que somos e fazemos.

Em outras palavras, nem todos aqueles que têm interesse na Bíblia e que até se empolgam com ela desejam se envolver com Deus.

No entanto, Deus é tudo sobre o que este livro trata. No último livro que escreveu, C. S. Lewis falou sobre dois tipos de leitura: a leitura na qual usamos o livro para nossos próprios propósitos e a leitura na qual nós recebemos os propósitos do autor. A primeira garante somente uma má leitura; a segunda acena para a possibilidade de uma boa leitura:

> Quando "recebemos", exercitamos nossos sentidos e imaginação, bem como várias outras faculdades de acordo com um padrão criado pelo autor. Quando "usamos", tratamos a leitura como uma assistente para as nossas próprias atividades... "Usar" é inferior a "recepção" porque a arte, quando usada em vez de recebida, meramente facilita, ilumina, alivia ou serve de paliativo para nossa vida, sem acrescentar nada a ela.[3]

Você percebe por que estou insistindo que uma conscientização do que a Igreja formulou acerca da Trindade Santa é tão importante quando nos aproximamos desse Livro, a Bíblia? Nós a lemos a fim de receber a revelação de Deus, que é extremamente *pessoal;* lemos a Bíblia da forma que ela chega a nós, e não da forma que nós chegamos a ela; nós nos submetemos às várias operações complementares do Deus Pai, do Deus Filho

e do Deus Espírito Santo: recebemos essas palavras a fim de sermos formados agora e para a eternidade, para a glória de Deus.

A Trindade substituta

Em nossos dias, surgiu um novo movimento nas formas não trinitarianas de ler a Bíblia. Ele já alcançou o nível de uma epidemia e exige atenção especial. Creio que pode ser melhor compreendido como uma trindade substituta. Diferente da leitura desprovida de personalidade que já mencionamos, esse método

é muito pessoal e também bem trinitariano, mas também totalmente antagônico àquilo que é alcançado em submissão à autoridade do Espírito Santo.

O pensamento/oração trinitariano diante das Escrituras cultiva um padrão e uma atitude que se submete a ser totalmente formado por Deus, da maneira que Deus se revela, total e pessoalmente, como Pai, Filho e Espírito Santo nas Sagradas Escrituras. A alternativa para isso é assumirmos a responsabilidade pela nossa própria formação. A forma mais popular de conceber o ser humano nos nossos dias é procurar entendê-lo de forma trinitariana. A maneira comum de compreensão do ser hoje não é como um intelectual interessado em idéias, como um ser moral em busca de uma boa vida ou como uma alma buscando privacidade e conforto, mas como um ser divino no controle de si mesmo. E esse ser divino é compreendido como uma trindade santa.

Vejamos como funciona. É importante observarmos que, na formulação dessa nova trindade que define o ser como soberano sobre a vida, a Bíblia não é ignorada nem banida; ela recebe, na verdade, um lugar de honra. No entanto, as três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, são substituídas pela trindade pessoal dos meus Santos Desejos, minhas Santas Necessidades e meus Santos Sentimentos.

Vivemos numa época na qual temos sido todos treinados desde o berço para escolher por nós mesmos o que é melhor para nós. Temos poucos anos de aprendizado antes de sermos deixados à nossa própria sorte, mas o treinamento começa cedo. Na época em que conseguimos segurar uma colher, podemos escolher entre meia dúzia de tipos diferentes de cereais para o café da manhã, de sabores e formatos variados. Nossos gostos, inclinações e apetites são consultados a todo instante. Logo estamos decidindo que roupas vamos vestir e que estilo de corte de cabelo adotaremos. As opções são abundantes: a que canais de TV assistiremos, que cursos vamos fazer na escola, que faculdade iremos cursar, que profissão vamos escolher, que modelo e cor de carro vamos comprar e qual igreja iremos freqüentar. Aprendemos cedo, com muitas confirmações à medida que crescemos, que temos direito de opinar na formação de nossa própria vida e que, dentro de certos limites, podemos dar a última palavra. Se a cultura fizer um trabalho completo em nós — e

com a maioria das pessoas ela de fato faz um trabalho excelente — entramos na fase adulta com a suposição funcional de que tudo o que Necessitamos, Desejamos e Sentimos forma o centro de controle divino de nossas vidas.

A nova trindade santa. O ser soberano se expressa em Santas Necessidades, Santos Desejos e Santos Sentimentos. O tempo e a inteligência que nossos ancestrais dedicaram à compreensão da soberania revelada no Pai, Filho e Espírito Santo são direcionados pelos nossos contemporâneos na afirmação e na validação de nossas Necessidades, Desejos e Sentimentos.

Minhas necessidades não são negociáveis. Meus assim chamados direitos, definidos individualmente, são fundamentais para minha identidade. Minha necessidade de realização, de expressão, afirmação, satisfação sexual, respeito, minha necessidade de seguir meu próprio caminho — todos esses elementos proporcionam um fundamento para a centralidade do eu e fortalecem meu ser contra a diminuição.

Meus desejos são evidências do meu crescente senso de reino. Eu treino a mim mesmo para pensar grande porque eu sou Grande, Importante e Significativo. Eu sou maior do que a vida e por isso exijo mais e mais bens e serviços, mais coisas e mais poder. Os frutos do espírito são o consumo e as aquisições.

Meus sentimentos são a verdade de quem eu sou. Qualquer coisa ou pessoa que possa me oferecer êxtase, excitação, alegria ou estímulo com conotações espirituais validam minha soberania. E isso, é claro, envolve o emprego de enorme elenco de terapeutas, agentes de viagem, utensílios e máquinas, recreações e entretenimentos para expulsar os demônios do enfado, da perda ou do descontentamento — todos os sentimentos que solapam ou colocam em risco minha soberania pessoal.

Nos últimos duzentos anos, grande quantidade de literatura, erudita ou popular, se dedicou ao entendimento dessa nova santa trindade formada de Necessidades, Desejos e Sentimentos que compõem a soberania do ser. Isso disponibiliza uma enorme quantidade de conhecimento. Nossas novas classes de teólogos são compostas por cientistas e economistas, médicos e psicólogos, educadores e políticos, escritores e artistas. Em todos os aspectos, eles são tão inteligentes e apaixonados quanto os nossos teólogos da igreja primitiva, bem como tão religiosos e sérios, pois sabem que o que eles descobrirem tem imensas implicações na vida cotidiana. Os estudos que eles conduzem e as instruções que oferecem no serviço do deus que há em nós, a divindade revelada em nossas Santas Necessidades, Santos Desejos e Santos Sentimentos, são muito convincentes e confiadamente procurados. É muito difícil não sermos convencidos; com todos esses especialistas dando seu testemunho, eu me convenço de que eu mesmo sou o texto autorizado no qual basear a minha vida.

Você pode achar que a pregação dessa nova religião trinitariana não representa uma ameaça séria para pessoas como nós, que foram batizadas no nome da Trindade. Com regularidade e atitude de oração, recitamos os Credos trinitarianos Apostólico e Niceno, começando nossas orações com a invocação "Pai Nosso..."; diariamente saímos da cama para seguirmos a Jesus como Senhor e Salvador, cantando com freqüência "Vem, Espírito Santo, pomba celestial..."

Essa soberania rival, porém, é embalada em tal linguagem espiritual, e nós somos tão facilmente convencidos de nossa própria soberania espiritual, que ela não é fácil de ser detectada. Os novos teólogos nos garantem que todas as nossas necessidades espirituais estão incluídas na nova trindade: nossa Necessidade de significado e transcendência, nosso Desejo por uma vida mais ampla, nossos Sentimentos de significado espiritual — e, é claro, há muito espaço para Deus, mais ou menos, conforme você queira. A nova trindade não descarta Deus ou a Bíblia, mas simplesmente coloca os dois a serviço das Necessidades, Desejos e Sentimentos. Isso é ótimo para nós, pois fomos treinados durante a vida toda a tratar todos e tudo dessa forma. Tudo faz parte do pacote. Trata-se de uma prerrogativa da soberania.

O que ficou devastadoramente claro nos nossos dias é que a realidade essencial da comunidade cristã, a soberania de Deus se revelando em Três Pessoas, é contestada e enfraquecida por praticamente tudo que aprendemos nas escolas, tudo que nos é apresentado na mídia; todas as expectativas sociais, trabalhistas e políticas dirigem nossos caminhos nos assegurando da soberania do ser. Essas vozes parecem tão perfeitamente sintonizadas, expressadas com tanta autoridade e desenhadas de forma personalizada a fim de nos mostrar como desempenhar nossa própria soberania, que nem nos damos conta que trocamos nossas Bíblias por esse novo texto, o Santo Ser — afinal, continuamos participando regularmente das classes de estudo bíblico. Somos encorajados de forma tão maciça a consultar nossas necessidades, sonhos e preferências, que nem notamos a alteração naquilo que há tanto tempo afirmamos acreditar.

O perigo da instalação do ser como autoridade máxima para a vida e de honrar as Escrituras dando-lhes um lugar de proeminência nas estantes é enorme e insidioso. Nenhum de nós está imune a esse perigo.

Você percebe por que é tão urgente revivermos o comando do anjo a João: "Coma este livro"? Se quisermos preservar nossa identidade, se quisermos um texto pelo qual viver, que nos mantenha na companhia do povo de Deus e que nos mantenha em coerência com quem ele é e a forma como opera — temos de comer este Livro.

A realidade crua é que, apesar de toda a nossa sofisticação, conhecimento e pesquisas, não sabemos o suficiente para conduzir nossas vidas. O estado deplorável da vida das multidões que colocaram a própria experiência como o texto autoritativo para suas vidas é uma refutação

incontestável das pretensões da soberania do ser. Nós exigimos um texto que revele o que não podemos conhecer simplesmente reunindo o conhecimento das eras. O Livro, a Bíblia, revela o Deus autorevelado e, com Ele, a forma como o mundo é, a forma que a vida tem, a forma como nós somos. Precisamos saber o que está envolvido nesse país da Trindade, no mundo da criação, salvação e bênção de Deus. Deus e seus caminhos não são o que muitos imaginam. Muito do que sabemos sobre Deus e seus caminhos, que aprendemos com nossos amigos nas ruas, lemos a respeito nos jornais, vimos na televisão ou pensamos por nós mesmos, simplesmente está errado. Pode não estar totalmente errado, mas errado o bastante para trazer confusão à nossa vida. E este Livro é, exatamente, revelação — uma revelação daquilo que jamais poderíamos conceber por nós mesmos.

Sem esse texto firmemente estabelecido como autoridade no centro de nossa vida comunitária e pessoal, afundaremos. Nós nos transformaremos numa multidão de homens e mulheres bem intencionados embora ineficazes, controlados sem misericórdia por nossas Necessidades, Desejos e Sentimentos.

O ato de João comer o livro nos assombra pelas implicações. O que João estava fazendo ao comer o livro? Pessoas não comem livros. Nós os lemos, estudamos e consultamos. Eles estão à disposição para lermos, comprovarmos fatos, adquirirmos informações e nos entretermos.

João, porém, comeu o livro. Quando nós o vemos comer o livro, começamos a compreender: ele não foi a uma biblioteca aprender algo, ele se sentou numa mesa e fez uma refeição.

Seis meses atrás, minha esposa Jan e eu fomos convidados a participar de uma manhã de oração numa sinagoga ortodoxa. Nós estávamos em Israel, na pequena vila de Hoshia, na Galiléia. Eram sete e meia da manhã. Havia uns treze ou catorze meninos e rapazes com idades variando entre 12 e 17 anos, bem como alguns homens mais velhos. Os meninos estavam lendo a Bíblia; era um rolo enorme, que dois meninos removeram solenemente de seu lugar, a "arca", colocaram com toda reverência sobre a mesa de leitura e desenrolaram, abrindo no texto que seria lido naquela manhã. Eles manuseavam o rolo com extrema reverência e orgulho. A seguir, um deles começou a ler; de fato, ele só parecia estar lendo, pois já tinha tudo memorizado, toda a Torá, os cinco primeiros livros da Bíblia. Mais tarde, nós aprendemos que todos os meninos tinham tudo memorizado — tinham todo o conteúdo da Torá, do começo ao fim, guardado no coração. E eles não demonstravam ter muita consciência da grandeza do que estavam fazendo, pois pareciam ainda tão meninos e tão confortáveis e alegres.

Quando terminou o serviço e as orações, alguns meninos ficaram para trás para conversar conosco. Eles demonstravam grande orgulho pela sinagoga e pelos rolos, felizes por poderem nos explicar o que estavam fazendo. Não pareciam alunos relutantes tendo de fazer as

tarefas escolares, ou meninos religiosos tentando impressionar a Deus com sua devoção. Eram apenas garotos, mas garotos que tinham descoberto com deleite como a Bíblia opera neles, revelando um Deus vivo para suas vidas; as Escrituras eram digeridas dentro deles, quando se reuniam todas as manhãs para comer o livro.

Eu fiquei impressionado e tocado pela alegre devoção daqueles meninos para com a revelação de Deus a eles naqueles rolos. Eles não estavam conversando a respeito, mas vivendo a centralidade e a autoridade das Sagradas Escrituras. Então eu percebi quantos desses meninos e meninas, homens e mulheres, há reunidos por todo o mundo, homens e mulheres famintos, e como fui privilegiado por compartilhar excelentes refeições com tantos deles — refeições cordiais, refeições que alimentam a alma.

Quando João comeu o livro, não foi o primeiro nem o último a fazer isso. Entretanto, no contexto no qual ele fez isso, e por causa do texto que chegou até nós, ele deve ter sido o mais memorável.

Mantenha a imagem vivida em sua imaginação — em atitude de oração.

Capítulo II

As Escrituras como Forma

Seguindo o caminho de Jesus

O forte anjo apocalíptico, tomando o cosmos como púlpito, com um pé plantado no oceano e outro na terra, segurando a Bíblia na mão, pregou. Ele pregou a Palavra de Deus. As palavras escritas no texto tornaram-se trovões nos ouvidos de João.

Impressionado, João sacou sua caderneta de notas e seu lápis e começou a anotar o que acabara de ouvir. Uma voz vinda do céu disse-lhe que não anotasse o que tinha ouvido, mas que pegasse o livro e o comesse. As palavras do livro tinham acabado de ser pronunciadas, tiradas das páginas e colocadas em movimento no ar, onde podiam entrar nos ouvidos. Quando João começou a reunir o que tinha ouvido, o som de trovão daquelas frases reverberando através da terra e do mar, e o escreveu — foi como se tentasse apanhar o vento e guardá-lo sem som numa folha de papel. Logo recebeu ordem para parar. O anjo pregador tinha acabado de tirar as palavras da página impressa e agora João tentava colocá-las de volta. Não, disse a voz do céu — quero aquelas palavras fora do papel, criando ondas sonoras, entrando nos ouvidos, entrando nas vidas. Quero que essas palavras sejam pregadas, cantadas, ensinadas, oradas — vividas.

Então a voz disse a João que pegasse o livro do anjo. Ele obedeceu e o anjo lhe disse: "Coma este livro: engula este livro; coloque as palavras deste livro em movimento em sua corrente sangüínea; mastigue-as e engula-as de modo que se transformem em músculos, cartilagens e ossos". João obedeceu. Ele comeu o livro. O livro que João comeu era a Bíblia

Reunindo céu e terra

Wendell Berry, um dos mais sábios pensadores do Século XX, escreveu um poema no qual usa a pequena fazenda onde mora e trabalha como uma metáfora para forma. Durante quarenta anos, numa sucessão de novelas, poemas e ensaios, Berry tem estado reordenando nossa imaginação cristã, cultivando a idéia de totalidade, para vivermos a vida

como um todo espiritualmente orgânico. Em seu poema *Da crista* [*From the Crest*], ele emprega sua metáfora de uma forma que convida à reflexão sobre a "forma" formadora das Escrituras Sagradas.

> Eu tento ensinar minha mente
> a suportar o longo e lento crescimento
> dos campos e cantar
> seu caminhar, enquanto espera.
>
> A fazenda deve tomar uma forma,
> Sempre reunindo
> céu e terra, a luz
> e a chuva, construindo
> As formas e ações do solo.[1]

Aquilo que Berry vê em sua fazenda como uma forma, eu vejo nas Escrituras como uma forma. Pense numa fazenda como um todo orgânico, mas com limites claros, de modo que você seja consciente e mantenha contato com todas as inter-relações: a casa e o celeiro, os cavalos e as galinhas, a estação de calor e a de chuva, a comida preparada na casa e o trabalho realizado nos campos, as máquinas e as ferramentas, as épocas. Há ritmos firmes e relaxados por toda parte.

Apesar de não ter vivido numa fazenda, cresci numa região rural e muitas vezes tinha contato com fazendas e sítios. Meu pai era açougueiro e por isso nós íamos a muitas fazendas comprar e matar bois, porcos e ovelhas. Tenho certeza de que há exceções a esta regra, mas quando vasculho minhas lembranças daquelas fazendas, não consigo me lembrar de algum fazendeiro que fosse apressado. Os fazendeiros caracteristicamente trabalham duro, mas há trabalho demais a ser feito para que haja pressa. Numa fazenda, tudo está conectado em termos de tempo e espaço. Nada é feito que não esteja conectado a tudo o mais — se você é apressado, quebra o ritmo da terra, das estações e épocas, as coisas se fragmentam, você fica no caminho de algo colocado em movimento na semana passada ou no mês passado. Uma fazenda não é uma rede — há muitas coisas acontecendo fora de nosso controle; você aprende a ter paciência e atenção: "Eu tento ensinar minha mente a suportar o longo e lento crescimento dos campos e cantar enquanto espera".

Se alguma coisa, ou alguém, é tratada fora do contexto, como algo isolado e separado da época, da estação, das condições do solo, das condições das máquinas ou das pessoas, há uma violação. "A fazenda deve

tomar uma forma reunindo sempre céu e terra, a luz e a chuva, construindo as formas e ações do solo".

A Escritura Sagrada é uma forma exatamente assim: um conjunto cercado de palavras e frases de muitos tipos e variedades diferentes, mas tudo integrado ao trabalho que está sendo feito, trabalhando em ritmos longos e firmes, dos quais nós, os leitores, participamos mas não controlamos, entrando em atitude de meditação neste mundo de palavras, dando obediente e feliz assentimento, submetendo nossas vidas a esse texto que está "sempre reunindo céu e terra".

A história

Nós requeremos uma forma que seja grande o bastante e flexível o suficiente de modo que não sejamos restringidos em nossa formação como seres humanos nem forçados a ser algo que nós não somos. Não desejamos ser aguilhoados em nossa formação enquanto crescemos em Cristo, nem desejamos ser forçados a algo que viole a nossa individualidade.

Restringindo-nos, porém, a um único livro, a Bíblia, não corremos o risco de sofrer essas deformações? Não há o perigo de que esse livro limite o nosso crescimento? Não há o perigo de que esse livro muito, muito antigo nos imponha uma forma de vida estranha e coerciva? Não deveríamos dar sustentação à nossa base por meio de textos suplementares? Há muitas pessoas ao nosso redor que questionam a Bíblia como texto autoritativo sobre nossas vidas com base no fato de que ela é estreita, restritiva e imposta sobre nós numa cosmovisão paternalista que há muito tempo deixamos para trás.

Desejamos uma espiritualidade abrangente que inclua toda sorte de experiências. Nosso senso de vida é enorme — estamos em contato com asiáticos, africanos e eslavos, nativos americanos e sul americanos. Estamos descobrindo a notável espiritualidade dos aborígines australianos e das tribos do deserto do Kalahari, na África do Sul. Como podemos estar satisfeitos sendo o povo de um único livro?

Entretanto, talvez estejamos colocando a questão de forma errada. Talvez devêssemos perguntar como podemos entrar numa vida mais ampla: viajamos pelo mundo coletando artefatos e suvenires, levamos tudo para casa e montamos um museu ou uma oficina onde possamos ter o maior contato visual e sensorial possível com eles? Ou será que há alguma outra forma de resolver isso? Será que a vida mais ampla vem mediante a aquisição de muitos objetos daqui e dali, ou aprofundando mais aquilo que já temos à mão? Será que formamos um padrão de espiritualidade por meio da analogia com as empresas multinacionais, que expandem suas marcas criando monopólios, assumindo controle, mas ignorando a cultura local e os relacionamentos familiares, a fim de transformar tudo aquilo em que tocam na suprema abstração des-

personalizada, o dinheiro? Ou pegamos aquilo que está bem diante de nós, em nossos próprios quintais, e afundamos nossas vidas naquilo que já recebemos, entrando nas complexidades dos intermináveis relacionamentos orgânicos que formam este mundo e sobrevivem nele? Henry David Thoreau, um dos nossos maiores sábios, escreveu sobre ter "viajado bastante num Concorde".[2] Louis Agassiz, biólogo e professor de Harvard, voltou à sala de aula depois das férias de verão e anunciou aos alunos que tinha passado o verão viajando — e tinha chegado até a metade do quintal. Eu desejo ser a exceção à regra, viajando amplamente nas Sagradas Escrituras. A Escritura é a revelação de um mundo vasto, muito maior do que o mundo atrofiado pelo pecado, que construímos para nós mesmos a partir de uma coleção de textos autorizados comprados em bazares de garagem.

Essa grandeza, essa vastidão, porém, não é resultado do empilhamento de detalhes mediante o estudo da letra das Escrituras, mas do reconhecimento de sua forma. Hans Urs von Balthasar, principal teólogo da espiritualidade cristã no século XX, insistiu que, em questões de espiritualidade, a forma é formativa: "O conteúdo *(Gehalt)* não jaz atrás da forma *(Gestalt)*, mas dentro dela. Aquele que não for capaz de ver e 'ler' a forma, pelo mesmo princípio, será incapaz de perceber o conteúdo. Todo aquele que não é iluminado pela forma também não enxergará luz no conteúdo".[3]

A forma da Escritura é história, ou talvez mais precisamente, narrativa. Em termos mais abrangentes, é a história de seguir a Jesus. A comunidade cristã sempre leu essa história não somente como uma história entre outras, mas como uma meta-narrativa que engloba, ou pode englobar, todas as histórias. Se não reconhecermos a abrangência dessa forma, quase certamente acabaremos tratando nosso texto bíblico como "inspiração", em tom de anedota, ou como polêmica, em tom de argumentação.

O vasto e abrangente mundo da revelação do qual o nosso texto de espiritualidade dá testemunho é uma forma narrativa que tem pouca serventia quando nós o desmembramos ou privatizamos. Nós obscurecemos a forma quando desmembramos a Escritura, dissecando-a, analisando-a como um espécime num laboratório. Cada detalhe da Escritura é digno de estudo incessante; nenhuma atenção acadêmica dedicada a esse texto é desperdiçada. Quando, porém, a objetividade impessoal dos técnicos de laboratório substitui a devoção e a adoração de um amante, nós acabamos com nossas pranchetas cheias de informação, organizadas segundo a nossa conveniência, conforme a ocasião. A Escritura deixa de funcionar como revelação para nós. A espiritualidade contemporânea é obcecada por técnicas. Se as Escrituras cristãs são tratadas como outra ferramenta qualquer de iluminação ou de acesso ao conhecimento que gera poder, foi cometido um sacrilégio. Também obscurecemos a forma quando privatizamos as Escrituras, usando-as para o que costumamos chamar de "inspiração".

Nossas Escrituras Sagradas, é claro, são abrangentemente pessoais. Somos pessoalmente dirigidos e abençoados, repreendidos e confortados, advertidos e orientados. No entanto, pessoal não é o mesmo que privativo. A privacidade é possessiva e isoladora. O privativo é o que se extrai do bem comum para o controle, uso ou deleite individual; é um tipo de roubo. Quando privatizamos a Escritura, restringimos a utilização universal da revelação de Deus. A Escritura, porém, nunca é assim (a revelação traz-nos para fora de nós mesmos, de nossa individualidade ferozmente defendida e nos coloca num mundo de responsabilidade e comunidade, debaixo da soberania de Deus); a metáfora bíblica primária para isso é "reino".

Assim, a comunidade eclesiástica continua a insistir em dar atenção a essa forma narrativa tão poderosa e persistentemente formativa. Às vezes, ouvimos que a Bíblia é uma biblioteca formada por muitos tipos de escritos: poemas e hinos, sermões e cartas, visões e sonhos, listas genealógicas e crônicas históricas, ensinos morais, admoestações e provérbios. E, é claro, história. No entanto, não é só isso. Tudo é história. "Os antigos estudiosos da Escritura possuíam a arte de enxergar a forma total dentro das formas individuais e de trazê-la à luz de dentro deles próprios. Contudo, isso pressupõe naturalmente um entendimento da totalidade, que é espiritual, e não literária...".[4]

Nada chega até nós à parte da forma. A Bíblia, toda a Bíblia, é "incansavelmente narrativa".[5] E nós não podemos modificar ou descartar a forma sem mudar ou distorcer o conteúdo. Essa narrativa bíblica reúne tudo ao seu redor, proporcionando um início e um fim, enredo e desenvolvimento dos personagens, conflito e solução. Durante os séculos de cristianismo, os leitores atentos da Bíblia entenderam que suas muitas vozes e pontos de vista estão todos contidos na forma narrativa e recebem dela sua coerência. Em vez de tentar passar a ferro e alisar as rugas de incoerência e desarmonia, eles pararam para ouvir as ressonâncias, os ecos, os padrões — a enorme complexidade da verdade viva, e não fatos catalogados e etiquetados.

Eles também descobriram a si próprios na história. Essa metanarrativa nos inclui em sua narrativa. Os bons contadores de histórias, instigando nossa imaginação, nos inspiram a participar das histórias que contam. Quando a narração da história é boa, somos puxados para um mundo que é mais verdadeiro e maior do que aquele que ocupamos ordinariamente; no entanto, não é um mundo estranho (a exceção é o entretenimento escapista que deliberadamente falsifica, despersonaliza e manipula a realidade — histórias de terror, romances de arlequim, pornografia e propaganda). Boas narrações de histórias nos envolvem naquilo que durante anos tem sido colocado bem à nossa frente, mas nós não notamos, não consideramos importante ou não achamos que tinha algo a ver conosco. Então notamos — a história nos desperta para o que está lá onde sempre esteve. Sem abandonar o mundo no qual trabalhamos, dormimos e brincamos diariamente, nos encontramos num

mundo muito maior; abraçamos em nossas vidas conexões, sentidos e significados que vão muito além do que nossos patrões e mestres, pais e filhos, amigos e vizinhos já nos contaram, para não mencionar o que é abrangido pelos especialistas e celebridades ao redor dos quais ansiosamente circulamos. As Escrituras, simplesmente em virtude de sua forma narrativa, nos atrai para uma realidade na qual nos encontramos em contato com a própria essência de nossa humanidade; aquilo que sentimos em nossos ossos conta. É uma história grande, com o senso de Deus, um mundo colorido pela presença de Deus, um mundo permeado com a palavra falada e não falada de Deus, pela sua presença visível e invisível, de tal maneira que sabemos que é o mundo para o qual fomos criados, o mundo ao qual verdadeiramente pertencemos. Não demora muito para descobrirmos que, por meio da imaginação (aqui fé e imaginação estão intimamente relacionadas), entramos na história, assumimos nosso lugar no enredo e seguimos a Jesus.

Hoje vivemos num mundo empobrecido em termos de histórias; assim, não é de surpreender que muitas pessoas adquiriram o mau hábito de extrair "verdades" das histórias que lêem: sumarizamos "princípios" que podemos usar numa variedade de cenários ao nosso bel prazer; destilamos uma "moral" que usamos como *slogan* num cartaz ou como um lema sobre nossa escrivaninha. Somos ensinados a fazer isso em nossas escolas de modo a sermos aprovados nos exames sobre novelas e peças. Não é de estranhar que continuamos nessa prática abstrata de mutilar histórias quando lemos a Bíblia. "História" não é algo sério; "história" é para crianças e para conversas ao redor de fogueiras nos acampamentos. Assim, continuamente convertemos nossas histórias em discursos "sérios" de informação e motivação. Dificilmente notamos que perdemos a forma, a forma que molda nossas vidas de forma abrangente e coerente. O texto que molda nossa vida espiritual é reduzido a fragmentos deformados de "verdade" e "insight", ossos desmembrados de informação e motivação.

A maneira como a Bíblia está escrita é, em todos os aspectos, tão importante quanto aquilo que está escrito nela: narrativa — essa história enorme e ampla que nos puxa para o seu enredo e nos mostra nosso lugar em seu desenvolvimento do início ao fim.[6] É necessário ter toda a Bíblia para ler todas as suas partes. Cada frase está inserida na história, e não pode mais ser compreendida de forma precisa ou plena à parte da história, assim como qualquer frase que proferimos durante o dia não pode ser entendida à parte dos nossos relacionamentos e cultura e das várias formas nas quais falamos com nossos filhos e pais, nossos amigos e inimigos, nossos patrões e empregados — e com nosso Deus. Northrop Frye, que tem nos ensinado muito bem a ler bastante a Bíblia, escreveu:

O contexto imediato da frase [qualquer frase na Escritura] é tão provável que esteja a trezentas páginas de distância como pode estar nas frases seguintes. Idealmente, cada frase é a chave para a compreensão de toda a Bíblia. Não é uma declaração factual sobre a Bíblia, mas ajuda a

explicar a prática de pregadores que sabiam o que estavam fazendo, como aqueles da Inglaterra do Século XVII. Nos sermões de John Donne, por exemplo, podemos ver como o texto nos leva, com um guia com uma vela, pelo vasto labirinto da Escritura, a qual, para Donne, era uma estrutura infinitamente maior do que a catedral na qual estava pregando.[7]

A sentença

A história que nos situa no mundo mais amplo de Deus e que nos alista como seguidores de Jesus é contada frase por frase. Andar, seguir, na maior parte, não exige pensamento deliberado; emprega reflexos condicionados, coordenação muscular e nervosa adquiridos nos primeiros anos de vida. Caminhamos sem ter de pensar em colocar um pé adiante do outro. E lemos uma história da mesma maneira, com as sentenças se apresentando uma após outra, sem termos de parar para ponderar a respeito de cada período ou forma verbal.

Entretanto, assim como, ao andar sem pensar, às vezes pegamos o caminho errado e temos de voltar atrás e nos certificarmos de que estamos na direção correta, e assim como, ao andar sem pensar, alguém se apresenta e nos alerta sobre uma multidão de detalhes importantes — flores, pássaros, rostos — que deixamos de ver ao longo do caminho, e nos faz parar a fim de olhar ao redor, surpresos com o que perdemos, o mesmo ocorre ao lermos as Sagradas Escrituras.

E assim como traçamos nosso caminho através dessa história, encontrando nela as nossas vidas, seguindo Jesus, encontramo-nos de vez em quando parando e prestando atenção aos detalhes que compõem a história. Atentamos para a linguagem, para as sentenças que criam a inter-relação entre as palavras e em relação a nós. As palavras nunca são meras palavras — elas contêm espírito, significado, energia e verdade. Exegese é a disciplina de atentar para o texto e ouvi-lo bem.

A exegese introduz outra dimensão à nossa relação com o texto. O texto como história nos leva adiante, estamos em algo maior do que nós, e permitimos que a história nos leve para onde queira. A exegese, porém, é atenção concentrada, é fazer perguntas e avaliar vários sentidos possíveis. A exegese é um trabalho intelectual rigoroso e disciplinado. Raramente ela se sente "espiritual". Homens e mulheres que estão, como dizemos, "dentro" da espiritualidade, com freqüência dão pouca atenção à exegese, preferindo confiar na inspiração e intuição. No entanto, o longo e amplo consenso na comunidade do povo de Deus sempre insistiu numa exegese vigorosa e meticulosa: dar uma atenção longa, íntima e esclarecida ao texto! Todos os nossos mestres em espiritualidade foram e são mestres em exegese. Há muita coisa acontecendo aqui; não queremos perder nada; não queremos cochilar ao passar pelo texto.

Uma sentença de palavras é algo maravilhoso. Palavras revelam. Somos apresentados com franqueza, com verdade que torna o nosso

mundo maior e nossos relacionamentos mais ricos. As palavras nos tiram para fora de nós mesmos e nos colocam numa relação responsiva com um extenso mundo de tempo e espaço, objetos e pessoas.

Uma sentença de palavras, porém, também é algo misterioso. As palavras ocultam. As palavras podem ser usadas para falsificar e enganar. Toda a nossa experiência com linguagem é "pós Babel". Grande parte de nossa experiência com a linguagem é com seu mau uso. Não podemos supor que cada palavra que pensamos conhecer tem o mesmo significado cada vez que ocorre no texto. É desconcertante descobrir que uma palavra usada de uma maneira na página 26 é usada de uma forma bem diferente na página 72.

Além disso, a linguagem muda constantemente, num fluxo constante. Se uma palavra foi usada de uma forma na semana passada, não há garantia de que será usada da mesma forma na próxima semana. E temos dois ou três mil anos de "semanas" entre nós e o texto bíblico. Os dicionários jamais deixarão de ser ampliados.

Por tudo isso, a exegese não pode ser menosprezada. O texto bíblico é complexo e exigente. As testemunhas primárias da revelação divina são o Antigo e o Novo Testamentos: a Torá, os profetas e os escritos no Antigo Testamento; os Evangelhos, as Epístolas e o Apocalipse no Novo Testamento, escritos em hebraico, aramaico e grego, línguas que têm, como todas as demais, sua forma peculiar de flexionar os substantivos, conjugar os verbos, inserir preposições em locais improváveis e organizar as palavras em frases. Escritos em pergaminhos e em papiros, com pena e tinta, na Palestina, no Egito, na Síria, na Grécia e na Itália.

Nem todos nós precisamos saber tudo isso a fim de ler formalmente as Sagradas Escrituras. No entanto, precisamos aprender a prestar atenção a nós e ao nosso redor enquanto seguimos a Jesus. A exegese não é em primeiro lugar uma atividade especializada dos eruditos, embora precisemos muito do trabalho desses estudiosos a nosso favor. Afinal, não estamos decifrando hieróglifos, como alguns de nós pensariam. Exegese é simplesmente notar e responder de modo adequado (o que não é simples) à demanda que as palavras nos fazem, que a linguagem nos faz.

Os reformadores insistiram naquilo que chamavam de "perspicuidade" da Escritura, que a Bíblia é substancialmente inteligível para as pessoas comuns e não requer o Papa ou um professor para interpretá-la. Em essência, ela está aberta ao nosso entendimento sem a necessidade de nenhum recurso acadêmico especializado ou um sacerdócio privilegiado:

> ... As coisas que precisam ser conhecidas, cridas e observadas para a salvação estão tão claramente expostas e

> explicadas neste ou naquele passo da Escritura, que não os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma suficiente compreensão delas"
>
> (Confissão de Fé de Westminster, I.vii).

Isso, porém, não significa que não é preciso muito cuidado. Cada livro da Bíblia tem sua forma própria, e em geral um leitor cuidadoso começa a aprender como ler cada um deles escavando lentamente e com cuidado ao seu redor por um longo tempo, até que encontra a chave. Um leitor atento (um exegeta) avançará com cautela, permitindo que o livro mesmo o ensine como deve ser lido. Logo se torna óbvio que nossa Escritura Sagrada não foi composta numa prosa anacrônica e sem vida, numa linguagem angelical e hiper espiritual com a exclusão de todas as peculiaridades e idiossincrasias da história local e dos dialetos de camponeses. Há verbos que precisam ser precisamente conjugados, cidades e vales que precisam ser localizados num mapa e costumes há muito esquecidos que precisam ser restaurados.

Trata-se de uma enorme inconveniência, principalmente para aqueles cristãos que sentem uma inclinação e aptidão para o espiritual. É quase impossível para aqueles que captaram o termo espiritual num estacionamento de igreja ou na *Internet* não sentirem que a atração pelo espiritual confere pouquíssimos privilégios, isentando-nos do enfado da exegese. Sentimos que estamos dentro dos caminhos de Deus; temos intuições que confirmam nossas idéias e *insights*. Depois que isso ocorre, algumas vezes sentimos que nos libertamos do tedioso recurso dos léxicos e gramáticas. Afinal, somos iniciados nos textos que cultivam a arte de ouvir Deus sussurrar nas entrelinhas. Não demora muito, como a colunista de jornal Ellen Goodman certa vez disse, para usarmos a Bíblia mais como um teste de Rorschach do que como um texto religioso, vendo mais borrões de tinta do que letras e palavras.[8] Não demora muito para começarmos a usar a palavra espiritual para nos referirmos primariamente a nós mesmos e a nossas idéias, e somente de forma incidental aos caminhos de Deus.

Entretanto, inconveniente ou não, somos cercados pela necessidade da exegese. Temos uma palavra escrita para ler e aplicar. Trata-se da Palavra de Deus, ou assim cremos, e é melhor que a compreendamos corretamente. Exegese é o cuidado que tomamos para compreender bem as palavras. A exegese é fundamental para a espiritualidade cristã. Os fundamentos desaparecem da vista à medida que o prédio vai sendo construído, mas se os construtores não construírem um sólido alicerce, o prédio não durará muito.

Falamos nossa linguagem de forma muito casual e, por causa disso, é fácil cairmos no hábito de tratá-la de forma casual. A linguagem,

porém, é persistentemente difícil de compreender. Passamos todo o início de nossa vida aprendendo a linguagem, e assim que pensamos que a dominamos, nosso cônjuge diz: "Você não está entendendo o que estou dizendo, não é?" Ensinamos nossos filhos a falar e, na época em que achamos que aprenderam, eles deixam de falar conosco; e quando ouvimos suas conversas com os amigos, descobrimos que não conseguimos entender uma em cada oito ou nove palavras que dizem. Um relacionamento íntimo não garante a compreensão. Uma profunda afeição não garante a compreensão. De fato, quanto mais próximos somos de alguém, e quanto mais íntimo for o relacionamento, mais cuidado temos de tomar no exercício de ouvir com atenção, entender bem e responder apropriadamente.

Isso quer dizer que, quanto mais "espirituais" nos tornamos, mais atenção temos de dar à exegese. Quanto mais maduros nos tornamos na fé cristã, mais rigorosos exegeticamente devemos nos tornar. Não se trata de uma tarefa na qual nos formamos. As palavras dadas a nós nas Escrituras estão constantemente se tornando sobrecarregadas de preferências pessoais, pressuposições culturais, distorções do pecado e suposições ignorantes que poluem o texto. A poluição está sempre no ar, juntando poeira sobre nossa Bíblia, corroendo nosso uso da linguagem, especialmente a linguagem da fé. A exegese é uma flanela, ou melhor, uma esponja de aço que esfrega as palavras e as frases, deixando-as limpas.

É útil para os leitores da Bíblia manter contato com alguns dos mestres exegetas; a forma mais fácil de fazer isso é usando seus comentários. Os comentários bíblicos são, na maior parte, empregados por pastores ou mestres no preparo de sermões e aulas. São tratados como "ferramentas". No entanto, há tesouros nesses livros para o leitor comum da Bíblia. Para aqueles que lêem, que "comem" esse texto não como preparação para um compromisso, mas simplesmente em busca de direção e alimento para seguir Jesus, o que representa a maioria de nós, os comentários bíblicos, por um tempo longo demais, foram ignorados como leitura comum para cristãos comuns.

Eu recomendo a leitura de comentários da mesma maneira que lemos romances, do começo ao fim, sem pular nenhuma parte. Temos de admitir que eles são fracos no enredo e no desenvolvimento dos personagens, mas a atenção devotada que dão às palavras e à sintaxe é suficiente. Enredo e caráter — o enredo da salvação, o personagem Messias — estão implícitos por toda parte nos comentários, e afirmam persistentemente sua presença mesmo quando não mencionados em grandes quantidades e em centenas de páginas. O poder desses antigos substantivos e verbos que século após século inspiram o discurso inteligente de homens e mulheres esclarecidos continua sendo uma maravilha surpreendente.

Entre aqueles para quem a Escritura é uma paixão, ler comentários sempre pareceu ser uma analogia da reunião dos torcedores de um time numa lanchonete depois do jogo, onde podem lembrar-se em detalhes intermináveis do jogo a que acabaram de assistir, argumentando (e talvez até discutindo) em torno de observações e opiniões e tecendo comentários jocosos sobre os jogadores. O nível de conhecimento demonstrado nessas conversas barulhentas é impressionante. Esses torcedores acompanham durante anos os jogos do time; estão familiarizados com os nomes dos jogadores; conhecem bem as regras e percebem cada pequena alteração no andamento do jogo. Eles têm um profundo interesse pelo que acontece no campo. Os comentários aparentemente intermináveis que fazem demonstram o quanto se interessam. Como eles, eu me deleito num comentário, encarando-o não como uma fonte de informações cruas, mas como uma conversa com amigos com conhecimento e experiência, tateando, observando e questionando o texto bíblico. Sou absorvido por esse enredo que se estende de Gênesis a Apocalipse, capturado pela presença messiânica que na morte e ressurreição nos salva de uma vez por todas; há muito para ver, muito para conversar.

Nem todos os comentários são totalmente adequados — alguns deles foram escritos por eruditos que parecem não ter interesse em Deus ou na História; entretanto, há muitos comentários qualificados que me convencem de que proporcionam um companheirismo bem-vindo e indispensável para todos nós, leitores da Bíblia, que, enquanto seguem a Jesus, não desejam perder nada ao longo do caminho.[9]

Muitos leitores da Bíblia supõem que a exegese é o que você faz depois de aprender grego e hebraico. Isso simplesmente não é verdade. Exegese não é nada mais do que uma leitura cuidadosa e amorosa do texto em sua língua materna. Vale a pena aprender grego e hebraico, mas se você não puder, concentre-se no Português — pois se você aprender a amar esse texto e se aproximar dele com uma inteligência disciplinada, não estará muito atrás dos melhores especialistas nas línguas originais da Bíblia. Aprecie os eruditos da Bíblia, mas não seja intimidado por eles.

A exegese é a coisa mais afastada do pedantismo; exegese é um ato de amor. Significa amar aquele que profere as palavras o suficiente para desejar entendê-las corretamente. É respeitar as palavras o suficiente para empregar todos os meios para entendê-las bem. Exegese significa amar a Deus o bastante para parar e ouvir com atenção o que Ele diz. Segue-se que nós levamos o lazer e a afetividade de amantes a esse texto, cuidando de cada vírgula e de cada ponto e vírgula, tendo prazer nas preposições, deleitando-nos na surpreendente colocação dos substantivos. Quem ama não se contenta com uma olhada rápida, pegando uma "mensagem" ou um "significado" e saindo às pressas para conversar longamente com os amigos sobre como se sente.

Isso não quer dizer que não haja assim chamados exegetas que fazem exatamente isso — tratam a Bíblia como se fosse um depósito de informações — esquecendo-se de que o óbvio que nos é dado na forma de uma história tenciona moldar toda a nossa vida na história de seguir a Jesus, uma vida vivida para a glória de Deus.

Há 150 anos, quando tal conhecimento árido e desprovido de personalidade (desprovido de história) era uma mortalha sobre a vida espiritual da Inglaterra, George Eliot criou o personagem Causubon (em sua novela *Middlemarch)* para expor esse sacrilégio contra o intelecto.

Causubon era um sacerdote erudito da Igreja Anglicana, obcecado pelo domínio do conhecimento e pelos escritos religiosos que já dominava. Dorothea Brooke, uma jovem arrebatada pelo idealismo e cheia de vitalidade, casou-se com ele tencionando ajudá-lo em seu nobre projeto intelectual. No entanto, não havia vida nos livros que Causubon estudava e escrevia; eram palavras mortas, sem conexão com nada ou com ninguém vivo — muito menos com sua esposa ardente, exuberante e cheia de vida. Dorothea precisou somente de umas poucas semanas para perceber que tinha se casado com um cadáver.

Robert Browning, contemporâneo de George Eliot, superou a novela deste com um poema intitulado "O funeral de um gramático", zombando do velho exegeta pretensioso, embora desprovido de vida, que "decidiu não Viver, mas Conhecer". Ele "estabeleceu os negócios de *Hoti* (que assim seja!) adequadamente baseados *Oun*/Deu-nos a doutrina da enclítica *De/* Morto e devastado".[10]

No Século XX, Marianne Moore usou a metáfora de um rolo compressor (em seu poema, "Para um rolo compressor"), para denunciar essa violação pesada e sem espírito do texto:

A ilustração
não é nada sem a aplicação,
Você perde metade do conteúdo.
Vocês esmagam todas as partículas
Em íntima conformidade e depois passeiam sobre elas.
Pequenos estilhaços de pedra
São esmagados até se tornarem um só bloco.
Se o "julgamento impessoal em questões de estética
não fosse uma impossibilidade metafísica",
você poderia facilmente encontrá-lo.

Quanto às borboletas, não consigo conceber uma sobre você,

Mas questionar a congruência do complemento é inútil,

se é que existe.[11]

O irmão de Marianne Moore era pastor numa Igreja Presbiteriana no Brooklyn, e ela cultuava em sua congregação todos os domingos pela manhã. Provavelmente ela não estava se referindo a ele como o "rolo compressor" (tudo indica que ela tinha uma admiração cálida por suas pregações e trabalho pastoral), mas por intermédio dele ela teve acesso à mentalidade dominante entre os pastores e eruditos da época (nos anos 30), que se opunha a todos os detalhes vividos e intrincados das palavras e frases das Sagradas Escrituras, forçando-os ao serviço de uma doutrina ou de uma causa: "Vocês esmagam todas as partículas (leia-se "palavras") em íntima conformidade e depois passeiam sobre elas", passando o rolo compressor sobre o texto e transformando-o numa estrada de superfície lisa, útil, prática e doutrinária.

Exegese, entretanto, não significa dominar o texto; significa submeter-se a ele da forma como nos foi dado. A exegese não assume o controle sobre o texto impondo sobre ele um conhecimento superior; ela entra no mundo do texto e permite que o texto nos "leia". A exegese é um ato de humildade sustentada: Há tantas coisas sobre esse texto que eu não sei, que jamais saberei. Os cristãos continuam retornando ao texto, com toda a ajuda que podemos conseguir dos gramáticos, arqueólogos, historiadores e teólogos, permitindo que sejamos formados por ele.

Sim, humildade. Quanto mais aprendemos, quanto mais conhecimento adquirimos — especialmente quando se trata de conhecimento bíblico, conhecimento de Deus — mais sujeitos ficamos à tentação de nos desviarmos do nosso próprio conhecimento maravilhoso e usarmos o que sabemos para governar nossas vidas e a vida de outras pessoas da maneira que queremos. Este texto, porém, nunca tencionou nos treinar e nos equipar para a competência, graduando-nos numa especialização que nos estabelece como uma classe superior de cristãos, aprovados e enviados para fazer a obra de Deus entre os biblicamente iletrados.

Se o conhecimento que adquirimos por meio da leitura e do estudo do texto, que nos envolve em seguir a Jesus, nos afasta desse mesmo Jesus que começamos a seguir, seria melhor que nunca tivéssemos aberto esse livro pela primeira vez.

Sem exegese, porém, a espiritualidade se torna aguada e piegas. Espiritualidade sem exegese se torna auto-indulgente. Sem a exegese disciplinada, a espiritualidade se transforma num idioleto, no qual eu defino todos os verbos e substantivos principais a partir de minha própria experiência. E a oração acaba se tornando um caminhar arrastado de suspiros e repetições.

Século após século, as técnicas de exegese na comunidade cristã têm sido honradas e nossas metodologias, melhoradas. É uma imensa ironia que uma geração que tem acesso à melhor exegese bíblica é, mesmo entre o assim chamado "clero educado", tão imensamente indiferente a ela.

A história dá forma às sentenças; as sentenças proporcionam conteúdo à história. Seguir a Jesus exige que as duas andem juntas, perfeitamente integradas. Sem a forma de história, as sentenças e os versículos bíblicos se tornam um arquivo cheio de informações, de onde extraímos tudo aquilo que precisamos no momento oportuno. Sem as sentenças esboçadas de forma precisa, a história é editada e revisada com base em sugestões sedutoras de alguns e nas urgências intimidantes de outros, nenhum dos quais muito interessado em seguir a Jesus. Mas, se foi para nos tornar seguidores de Jesus que o texto foi dado em princípio, e se a História ampla ou as Sentenças detalhadas nunca foram usadas com outro fim, seja admirável, seja sedutor, então por que nos preocupar?

Capítulo III

As Escrituras como um *Script*

Desempenhando nosso papel no Espírito

"Coma este livro" é a metáfora escolhida por nós para focar a atenção naquilo que envolve a leitura de nossas Sagradas Escrituras de maneira formativa; quer dizer, lê-las de tal forma, que o Espírito Santo as use para formar Cristo em nós. Não estamos interessados em saber mais, mas sim em sermos mais transformados.

Estou colocando um crescente senso de urgência sobre esta questão porque já ficou claro que nós vivemos numa época na qual a autoridade das Escrituras em nossas vidas tem sido substituída pela autoridade do ser: somos encorajados de todos os lados a assumir o controle de nossas vidas e a usar nossa própria experiência como o texto autoritativo pelo qual vivermos.

O elemento alarmante para mim é que esse espírito invadiu as igrejas evangélicas. Num grau maior ou menor, espero ver o mundo exterior tentando viver de forma independente. Mas não aqueles que confessam a Jesus como Senhor e Salvador. Eu não sou o único a advertir que estamos numa posição delicada e embaraçosa por sermos a Igreja que crê ardentemente na autoridade da Bíblia, mas, em vez de submeter-se a ela, apenas a usa, aplica e controla, usando a própria experiência como autoridade que determina como, onde e quando a usaremos.

Meu propósito é conter essa soberania do ser reafirmando o que significa viver essas Escrituras a partir do interior, em vez de usá-las para nossos propósitos sinceros e devotos, mas mesmo assim gerados pela soberania do ser.

O Deus que fala

Deus fala, e quando Ele fala as coisas acontecem. A Bíblia começa com as palavras: "Disse Deus...", ressoando oito vezes e depois de cada vez nós vemos, peça por peça, um após o outro, os elementos do céu e da Terra vindo à existência diante de nossos olhos, e culminando com a formação do homem e da mulher à imagem de Deus. O Salmo 33 resume isso numa frase: *Ele falou, e tudo se fez* (v. 9). Isso estabelece o cenário

para tudo o que segue em nossa Bíblia, o abundante derramamento de mandamentos e promessas, bênçãos e convites, repreensões e julgamentos, direções e palavras de conforto que compõem nossas Sagradas Escrituras.

Nosso texto, Coma Este Livro, é de João. Temos três livros escritos por João no Novo Testamento que demonstram um deleite peculiar em apresentar Jesus como aquele que revela Deus falando, Palavra de Deus que é o âmago e a origem de tudo: o Evangelho de João, as Cartas de João e o Apocalipse de João (não sabemos ao certo se o apóstolo João foi o autor dos três escritos; o que sabemos é que os três emanam de um centro e de uma ênfase comum). Jesus, a Palavra encarnada, profere frases que transformam o caos em cosmos (o Evangelho), o pecado em salvação (as Cartas) e o quebrantamento em santidade (o Apocalipse).

O Evangelho de João começa com este princípio enfaticamente verbal, repetindo três vezes o termo "palavra" [Verbo]: *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus* (Jo 1.1). Essa *Palavra,* nós logo descobrimos, é Jesus: *O Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória* (Jo 1.14). A história do Evangelho prossegue para apresentar Jesus falando e trazendo a realidade à existência.

As Epístolas de João, semelhantemente, retornam ao princípio e dão testemunho da experiência do apóstolo sendo convencido de que a "o Verbo da vida" era Jesus, confirmado pelo que eles ouviram, viram e tocaram. Três dos cinco sentidos (visão, audição e tato) são empregados na verificação. Esse Jesus proferiu os mandamentos que resultaram numa vida de salvação do pecado, expressada numa comunidade de amor.

Finalmente, o Apocalipse de João apresenta o Jesus ressuscitado e presente, sob o aspecto de palavras, dizendo: *João... atestou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo* (Ap 1.2). Esse Jesus Cristo ressuscitado então se identifica a João em termos alfabéticos: *Eu sou o Alfa e Omega* — Ele é o alfabeto, todas as letras de A a Z, quer dizer, o material, vogal e consoantes, do qual todas as palavras são formadas. Jesus fala de tal forma que o quebrantamento do mundo e a nossa experiência se desenvolvem numa santidade deslumbrante, que evoca adoração em grande escala, envolvendo tudo e todos no céu e na Terra.

A linguagem é a forma primária na qual Deus trabalha. Contudo, nas Escrituras, que dão testemunho dessas palavras, essa linguagem é mencionada de maneira bem física. É claro que nós ouvimos as palavras. No entanto, também vemos as palavras: *Voltei-me para ver quem falava comigo* (Ap 1.12), mastigamos, provamos, caminhamos e corremos nelas (Sl 119), e nesta imagem final, comemos as palavras. Essa Palavra de Deus que forma Cristo em nós é muito física.

Nós fazemos parte da comunidade santa que por mais de três mil anos tem sido formada por essas palavras de Deus, palavras que têm sido

ouvidas, provadas, mastigadas, vistas e pisadas. A leitura das Sagradas Escrituras é totalmente física. Nossos corpos são os meios de proporcionarmos às nossas almas acesso a Deus na sua revelação. Coma este Livro. Um dos antigos rabinos selecionou uma parte diferente de nossos corpos para firmar o mesmo ponto, insistindo que a parte primária do corpo para tomarmos a Palavra de Deus não são os ouvidos, mas os pés.

Por isso, temos de aguçar nossa percepção sobre o que envolve tomarmos a Palavra de Deus formativamente dentro de nós. Desejamos fazer isso tanto quanto os melhores de nossos ancestrais, determinados a não deixar nenhuma dessas palavras num livro em uma estante, como uma lata de alimento em conserva estocada numa despensa. Queremos nos deleitar numa boa refeição, unindo-nos à mesa com João.

Na primeira parte, "As Escrituras como texto, Aprendendo o que Deus revela", a ênfase foi na Trindade Santa, demonstrando que Deus se revela de forma pessoal e relacional. A linguagem não é primariamente informativa, mas reveladora. As Sagradas Escrituras dão testemunho de uma voz viva soando variadamente como Pai, Filho e Espírito, dirigida a nós pessoalmente e nos envolvendo pessoalmente como participantes. O texto não consiste de palavras a serem estudadas no sossego de uma biblioteca, mas de uma voz na qual devemos acreditar, amar e adorar. É necessário que haja receptividade.

Na segunda parte, "As Escrituras como forma, Seguindo o caminho de Jesus", a ênfase foi em seguirmos a Jesus neste mundo imenso e coerente do qual tomamos consciência por meio da História. As Sagradas Escrituras moldam a história. A realidade é história moldada. O mundo é história moldada. Nossa vida é história moldada. "Eu sempre senti", escreveu G. K. Chesterton, falando sobre sua crença cristã, "a vida primeiro como uma história; e se há uma história, há um contador de história".[1] Entramos nessa história, seguindo o fazedor-da-história, o contador-da-história, Jesus, e dedicamos o resto de nossas vidas explorando os detalhes maravilhosos e esquisitos, as palavras e frases que narram a história de nossa criação, salvação e vida de bênçãos. Trata-se de uma história chocante, cheia de elementos invisíveis e intrincadas conexões. É preciso que haja imaginação.

E agora, nesta terceira parte, "As Escrituras como um *script*, desempenhando nosso papel no Espírito", a ênfase está no cultivo de entendimentos e práticas que nos tornem melhores ouvintes na voz trinitariana viva que trouxe essas palavras às páginas de nosso texto, em primeiro lugar, mas que também as traz das páginas para nossas vidas. A ênfase também está no cultivo do entendimento e práticas que nos tornem melhores seguidores de Jesus na História, que ele traz à existência a fim de que nos encontremos em casa nela, agora e na eternidade. É preciso que haja participação.

A Bíblia desagradável

Nós nos deleitamos ao nos descobrir neste mundo do texto bíblico. Há tantas coisas para explorar, tanto a aprender — e pensar que temos um lugar nisso tudo! Não é somente sobre Ismael e Isaque, Jacó e Esaú, Davi e Jônatas, Jeremias e Ezequiel, Priscila e Áquila, Barnabé e Marcos — é também sobre mim e você, nossos pais e nossos filhos, nossos amigos e inimigos, nossos vizinhos e nossos governantes.

Há alguns anos, fui a uma livraria. Quando estava pagando minhas compras, vi uma pilha de livros num canto. O livro tinha sido escrito por um bom amigo meu; lá estava seu nome — Alvin ben-Moring. Talvez alguns de vocês tenham lido o livro. Era sobre um dos três magos da história do nascimento de Jesus, *Baltazar, o Príncipe Negro e Reluzente,* um livro popular de Natal há trinta anos atrás. Eu não via Alvin há anos, mas sabia do seu livro. Tínhamos conversado sobre o livro, discutindo o enredo e os personagens durante os anos em que estávamos na faculdade e no seminário. E agora ali estava o livro publicado! Eu disse à balconista: "Este livro foi escrito por um bom amigo meu; eu não sabia que tinha sido publicado". Ela replicou: "Bem, é bom você comprar um exemplar; pode descobrir que está nele".

Eu comprei o livro, e me encontrei nele. Mas não da maneira que esperava. Tínhamos sido amigos íntimos; ele dera toda a indicação de gostar de mim e até me admirar. No livro, porém, eu era apresentado de forma desagradável e certamente não era digno de admiração. No entanto, não tinha como negar o fato de que era eu, mas não o eu que sonhava.

Provavelmente você já notou que há um detalhe da história de João comendo o livro que eu ignorei até agora, mas que não posso mais evitar. Este é o detalhe: o ato de comer o livro deixou João com dor de estômago.

Quando ele o colocou na boca, o livro tinha sabor agradável, mas quando chegou ao seu estômago, ele sentiu-se mal: Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e, na minha boca, era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo (Ap 10.10).

Para a maioria de nós, nossa primeira experiência com a Bíblia é doce: nós nos encontramos nela e isso é maravilhoso. Adquirimos um gosto pelas promessas e bênçãos divinas, aprendemos a apreciar os conselhos sadios e a direção para nossas vidas, memorizamos alguns salmos que recitamos nos momentos tenebrosos e solitários e encontramos conforto. Há muito ali para o nosso deleite. O Salmo 119 emprega um esquema elaborado e exaustivo, um sistema de 22 estrofes, iniciadas com cada uma das 22 letras do alfabeto hebraico, para celebrar o infindável deleite na Palavra de Deus, a qual chega até nós de muitas maneiras e formas. Cada uma das 22 estrofes contém os mesmos oito sinônimos para "palavra" ou "Palavra de Deus", reformulando-os e reconfigurando-os

para nos dar um senso da complexidade e diversidade que irradia dos discursos divinos. Este salmo incrível engloba de forma convincente os prazeres que as Sagradas Escrituras nos oferecem como verdades, promessas e bênçãos que vão se incrustando em nossas vidas, palavra por palavra, na meditação e na oração: *Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais que o mel à minha boca* (Sl 119.103). Dietrich Bonhoeffer escreveu que aprendeu no seminário que esse era o mais enfadonho dos salmos; durante sua permanência na prisão nazista, porém, descobriu que era o mais rico de todos, e meditou longamente nele.[2]

Entretanto, cedo ou tarde, descobrimos que nem tudo nesse livro é agradável. Ele começa doce ao nosso paladar; em seguida, porém, descobrimos que ele não cai muito bem; ele se torna amargo em nosso estômago. Encontrarmo-nos nesse livro é agradável, até lisonjeiro; então descobrimos que o livro não foi escrito para nos bajular, mas para nos envolver numa realidade — a realidade de Deus, que não alimenta nossas fantasias sobre nós mesmos.

Há coisas difíceis nesse livro — coisas difíceis de ouvir, difíceis de obedecer. Há palavras nesse livro que são difíceis de digerir. João sofreu de um caso grave de indigestão.

No entanto, não se trata somente de palavras difíceis, mas da maneira como a Bíblia chega até nós. Há momentos em que ela nos abate como algo totalmente estranho, impossível de se encaixar em nossos esquemas de pensamento e vida. Nós nos esforçamos o máximo possível para domesticar essa revelação, encaixando-a em nossa versão da maneira como gostaríamos que as coisas fossem. Grande parte do nosso assim chamado estudo da Bíblia é uma tentativa de propor explicações que harmonizem a Trindade Santa com nossas Santas Necessidades, Santos Desejos e Santos Sentimentos.

Cada leitor cuidadoso da Bíblia é tocado pela forma como "recorrentemente estranha e inflexível"[3] ela é para com aquilo com que estamos acostumados e com nossas expectativas. A Bíblia não é "uma leitura fácil".[4]

É comum entre nós desenvolver uma abordagem de solução de problemas em relação à Bíblia, destacando aquilo que parece não se encaixar e a seguir reformulando, a fim de que deslize mais facilmente pelas nossas formas de pensamento. Queremos usar a Bíblia para ter conforto, e se ela não funcionar confortavelmente, nós a reformulamos a fim de que funcione. Tenho um amigo que adverte seus alunos contra o perigo de se tornarem textistas profissionais. O textista aprende tudo sobre o texto, domína-o integralmente, a fim de poder consertá-lo, de modo que deslize sem dificuldades e nos leve para onde quisermos ir com nossas necessidades, desejos e sentimentos.

Nada em nossa Bíblia é unidimensional, sistematizado ou teologizado. Tudo no seu texto está intima e organicamente ligado à realidade viva. Assim como não se pode organizar um jardim em diagramas e tabelas, com os assuntos divididos e catalogados, também não é possível fazer o mesmo com a Bíblia. Um jardim está em constante mudança devido ao crescimento das flores e das ervas. Ou, para fazermos uma comparação mais complexa, numa feira rural, há uma multidão de pessoas, animais de raça, barracas de alimentos, mestres de cerimônia, crianças correndo e brincando, homens e mulheres de todas as idades. O local está carregado de vida, humana e animal, boa e ruim, gananciosa e generosa, indolente e determinada. Tais coisas, seja um jardim, seja uma feira, só podem ser visitadas.

A Bíblia é uma revelação de realidades vivas, com Deus como a forma de vida dominante. Verdades não podem ser extraídas dela — cada detalhe deve ser tomado como chega até nós no texto onde o encontramos. *"Cada o que* está vinculado a um *como:* não podemos generalizar nem resumir, mas temos de prestar atenção a cada detalhe".[5]

A forma mais freqüente que temos para afastar as dificuldades intrigantes ou desagradáveis da Bíblia é sistematizando-a, organizando-a de acordo com um esquema ou outro que resuma aquilo que "a Bíblia ensina". Se soubermos o que a Bíblia ensina, não temos mais de lê-la, não temos de entrar na história e mergulhar na forma estranha e inflexível como ela se desenvolve, incluindo tantas pessoas e circunstâncias que, achamos, nada têm a ver conosco.

Gostamos de afirmar que a Bíblia tem todas as respostas. Certamente esta afirmação está correta. O texto bíblico nos coloca numa realidade que é congruente com quem somos como seres criados à imagem de Deus e para a qual estamos destinados nos propósitos de Cristo. Entretanto, a Bíblia também tem todas as perguntas, muitas das quais jamais fizemos a nós mesmos, e outras às quais passaremos o resto de nossas vidas respondendo, honesta e corretamente. A Bíblia é um livro extremamente confortador; ela é também o livro mais inquietante. Ela será doce como o mel em nossa boca; mas também será amarga em nosso estômago. Não reduza esse livro a algo que você possa manipular; não tente domesticá-lo, tornando-o algo que o faça sentir-se confortável.

Este livro nos torna participantes do mundo do ser e da ação de Deus; contudo, não participamos por nosso próprios termos. Nós não elaboramos o enredo, nem escolhemos qual personagem seremos. Esse livro tem poder gerador, coisas acontecem conosco quando deixamos o texto exortar, estimular, repreender e aplainar. Nós não acabamos da mesma forma que começamos.

Coma este livro, mas tenha à mão um bom estoque de antiácidos.

O "estranho mundo novo" da bíblia

Há mais de meio século, o teólogo alemão Karl Barth escreveu sobre o "estranho mundo novo" da Bíblia. Ele insistiu veementemente que a Bíblia era um livro como nenhum outro. Toda expectativa que lançamos sobre a Bíblia é inadequada e equivocada, dizia. Trata-se de um texto que revela o Deus soberano, seu ser e suas ações. O texto não nos bajula e não busca nos agradar. Entramos nesse texto para conhecer a Deus como Ele se revela, e não para buscar verdades, histórias ou lições morais que possamos usar por nossa conta. O que ele insistiu como prioridade máxima foi que não lêssemos a Bíblia a fim de descobrir como introduzir Deus em nossas vidas, como fazê-Lo participar de nossas vidas. Não, abrimos esse livro e descobrimos, página após página, que ele nos desarma, nos surpreende e nos atrai para sua realidade, colocando-nos em participação com Deus nos termos dEle.

Barth ofereceu uma ilustração que ficou famosa.[6] Vou empregar a essência de sua ilustração, mas vou modificá-la um pouco. Imagine um grupo de pessoas num grande armazém. Elas nasceram naquele armazém, cresceram ali e têm ali tudo o que precisam para suprir suas necessidades. Não há saída no edifício, mas há janelas pelas quais as pessoas lá dentro podem olhar para fora. De vez em quando, as pessoas dentro do armazém notam que as pessoas na rua param e olham para cima. Elas falam animadamente, apontando para cima, chamando outras pessoas. Quando as pessoas dentro do armazém olham para cima, tudo que conseguem ver é o teto — o que será que as pessoas lá fora estão olhando? Elas parecem tolas olhando para cima. Por que não olham para onde estão indo? Se não tomarem cuidado, vão tropeçar e cair. Qual é o sentido em parar no caminho, olhar para cima e conversar animadamente? Depois de um tempo, os moradores do armazém concluem que as pessoas estão sendo tolas, e voltam à sua rotina normal, não prestando mais atenção ao estranho comportamento das pessoas na rua.

O que está acontecendo, evidentemente, é que há um avião sobrevoando a área — ou pássaros voando, ou uma formação interessante de nuvens, ou (se for à noite) as estrelas se movendo em suas constelações. As pessoas na rua olham para cima e enxergam o céu e tudo o que há nele. As pessoas dentro do armazém não têm céu acima delas, só um teto.

O que aconteceria se um dia alguém abrisse uma porta no armazém, as pessoas saíssem lá de dentro e deparassem com o imenso céu acima delas e o horizonte sem fim à distância?

Isso, Barth dizia, é o que acontece quando lemos a Bíblia. Entramos nesse estranho mundo novo de Deus, um mundo para o qual nossa própria experiência no armazém não pode e jamais poderia nos preparar. Trata-se de um mundo que se estende sem fim acima e à

distância. E muito do seu conteúdo não podemos ver com nossa visão crua.

No entanto, sempre há pessoas ao nosso redor que teimosamente tentam interpretar o mundo de céu aberto e horizonte sem fim em termos do que aprenderam no armazém. Barth reclamava que os pastores e os mestres da Palavra eram os culpados usuais, mas há muitas outras pessoas mais do que dispostas a se juntar a eles. Eles reduziram o mundo biblicamente revelado; domesticaram-no; explicaram-no; mas não se apossaram dele.

O imenso mundo da bíblia

Quando cultivamos uma mentalidade participativa em relação à nossa Bíblia, precisamos de uma completa renovação de nossa imaginação. Estamos acostumados a encarar o mundo bíblico como menor do que o mundo secular. Frases enganadoras reforçam essa mentalidade. Falamos sobre "tornar a Bíblia relevante para o mundo" como se o mundo fosse a realidade fundamental e a Bíblia fosse algo enviado para ajudá-lo ou consertá-lo. Falamos sobre "encaixar a Bíblia em nossas vidas" ou "abrir espaço para a Bíblia no nosso dia a dia" como se a Bíblia fosse algo que podemos acrescentar ou espremer dentro da nossa vida já sobrecarregada.

Quando participamos pessoalmente do mundo revelado nas Escrituras de um Deus enfaticamente pessoal, temos de estar dispostos a aceitar não somente a estranheza desse mundo — que não se encaixa em nossos preconceitos e preferências — mas também a sua grandeza. Nós nos encontramos num universo verdadeiramente expandido, que excede tudo o que aprendemos em nossos livros de geografia e astronomia.

Nossa imaginação tem de ser revisada para absorver esse enorme, imenso mundo da revelação divina, em contraste com o mundo pequeno e claudicante da "suposição" humana. Aprendemos a viver, imaginar, crer, amar, conversar neste mundo imenso, mas ricamente orgânico e detalhado, ao qual recebemos acesso pelo Antigo e Novo Testamentos. Ser "bíblico" não significa costurar textos para provar ou dar fundamento a algum dogma ou prática que escolhemos. Pelo contrário, significa uma abertura para aquilo que *nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano... mas Deus no-lo revelou pelo Espírito* (1 Co 2.9,10).

O que jamais devemos ser encorajados a fazer, embora todos nós sejamos culpados de repeti-lo muitas vezes, é forçar a Escritura a se encaixar em nossa experiência. Nossa experiência é pequena demais; é como tentar colocar um oceano dentro de um dedal. O que temos de fazer é nos encaixar no mundo revelado pela Escritura.

O que temos de fazer primeiro é notar e a seguir participar da maneira como o enorme mundo da Bíblia absorve o mundo muito menor

de nossas ciências, economia e política, que proporcionam a assim chamada "cosmovisão", na qual estamos acostumados a desenvolver nossas preocupações diárias.

Isso significa que temos de abandonar todas as abordagens condescendentes da Bíblia. Muitos de nós foram treinados naquilo que às vezes é chamado de "hermenêutica de suspeita". As pessoas mentem muito; e pessoas que escrevem mentem mais do que a maioria. Assim, suspeitamos de tudo o que lemos, principalmente quando o texto reivindica autoridade sobre nós. E isso corretamente. Nós examinamos e reexaminamos o texto. O que está acontecendo aqui? Qual é a agenda oculta? O que está por trás de tudo isso? Os três mestres modernos da hermenêutica de suspeita são Nietzche, Marx e Freud. Eles nos ensinaram bem a não nos deixar enganar pela primeira impressão.

Grande parte disso é útil. Não queremos ser iludidos, manipulados por oradores espertos, seduzidos a comprar coisas que não queremos, e que jamais usaremos, por publicitários habilidosos ou envolvidos em algum programa destruidor de alma, por causa de uma boa propaganda. Nas questões que têm a ver com Deus, dobramos a vigilância, suspeitando de tudo e de todos, inclusive da Bíblia. Aprendemos, para nossa tristeza, que pessoas religiosas mentem tanto quanto ou até mais do que as outras. Mentiras em nome de Deus são as piores mentiras de todas.

No entanto, enquanto estreitamos nossos olhos cheios de suspeita, o mundo se estreita proporcionalmente. E quando pegamos esses hábitos de leitura e os aplicamos à Sagrada Escritura, acabamos tendo apenas uma pequena partícula dos fatos.

Paul Ricouer tem um conselho maravilhoso para pessoas como nós. Vá adiante, ele diz, mantenha e pratique sua hermenêutica de suspeita. É importante fazer isso — não somente importante, mas necessário. Há muitas mentiras lá fora; aprenda a discernir a verdade e jogar fora o refugo. Entretanto, a seguir, entre novamente no livro, no mundo, com o que ele chama de "segunda ingenuidade". Olhe para o mundo com assombro infantil, pronto para ficar maravilhado com deleite e surpresa pela grande abundância de verdade, beleza e bondade que se espalha pelo céu a todo momento. Cultive uma hermenêutica de adoração — veja como a vida é grande, esplêndida e magnífica.

A seguir, pratique essa hermenêutica de adoração ao ler a Sagrada Escritura. Planeje dedicar o resto de sua vida explorando e se deleitando no mundo vasto e intrincado que é revelado pelo texto.

Obediência

Entramos no mundo do texto, o mundo no qual Deus é o personagem principal, a fim de nos tornarmos participantes dele. Temos nossa parte a desempenhar nesse roteiro, uma parte que nos é dada pelo

Espírito Santo. E quando desempenhamos nossa parte, nos tornamos parte-cipantes.

Recebemos este livro para que possamos, com fé e imaginação, entrar no mundo do texto e seguir a Jesus. João Calvino, em seu tratamento da Sagrada Escritura, é comumente citado nessa questão: "... todo conhecimento correto de Deus é originado na obediência".[7] Dificilmente pode haver um estudioso ou tradutor da Bíblia de alguma projeção na comunidade cristã que não tenha dito a mesma coisa.

Se nós não entrarmos nesse texto como participantes, não teremos como entender o que está havendo. Esse texto não pode ser compreendido assistindo-se da arquibancada — ou até das dispendiosas cadeiras numeradas. Mas de onde nós estamos.

Durante grande parte de minha vida adulta, fui um corredor. Há cerca de dez anos, tive problemas nos joelhos e tive de parar de correr. No entanto, sinto falta da corrida; gosto do sentimento de espontaneidade e liberdade, da harmonia tranqüila entre meu corpo e o mundo ao meu redor, do terreno, do ar, do vento, da chuva e a neve que enfrentava nas corridas mais longas. E eu gostava muito das competições, da alegria proveniente da companhia dos outros competidores nas corridas de meia distância e maratonas. Durante aqueles anos, assinei três revistas sobre corrida e li todos os livros sobre o assunto ou sobre corredores. Às vezes eu notava a estranheza do que estava fazendo; quanto há para se dizer sobre corrida? Não há uma infinidade de maneiras disponíveis — em geral, é só uma questão de colocar um pé na frente do outro. Entretanto, há aspectos do treinamento para as maratonas — dietas, condicionamento mental, o cuidado com as lesões — sobre os quais também se pode escrever. E eu lia tudo. Com pouquíssimas exceções, os escritos sobre corrida não são muito bons, mas para mim não fazia diferença: eu era um corredor e lia tudo.

Então tive um problema muscular e não pude correr durante alguns meses, enquanto me recuperava. Simultaneamente, ocorreu algo engraçado. Eu deixei de ler os livros e revistas. Não reduzi a leitura, mas parei de vez. Não decidi parar; parei sem pensar. Na época, não notei, mas depois percebi todas aquelas revistas jogadas e lacradas, não lidas.

Quando minha lesão sarou e comecei a correr novamente, retomei a leitura dos livros e revistas. Novamente, fiz sem pensar, sem decidir nada.

Então percebi o que estava fazendo. Eu estava lendo sobre corrida não para encontrar algo, não para aprender algo, mas pelo companheirismo, validação e confirmação da experiência de correr. Sim, eu aprenderia algumas coisas ao longo do caminho, mas a principal razão era estender, aprofundar e popularizar o mundo das corridas que eu tanto amava. Se não estivesse correndo, não haveria nada para aprofundar.

O paralelo com a leitura da Escritura parece-me quase exato: se não participarmos da realidade revelada na Bíblia, a obediência sobre a qual Calvino escreveu, provavelmente não ficaremos muito interessados em ler sobre ela — pelo menos não por muito tempo.

Obediência é viver numa resposta ativa ao Deus vivo. A pergunta mais importante que temos de fazer ao texto não é "o que quer dizer?", mas "a que posso obedecer?" Um ato simples de obediência abrirá nossas vidas a esse texto muito mais rapidamente do que qualquer quantidade de estudos bíblicos, dicionários e concordâncias.

Não que o estudo não seja importante. Um rabino judeu com o qual estudei muitas vezes dizia: "Para nós, judeus, estudar a Bíblia é mais importante do que obedecê-la, porque se você não entender corretamente, irá obedecer da forma errada e sua obediência se transformará em desobediência". Isso também é verdade.

Gus Sikalis era um motorista de caminhão de 35 anos de idade que se tornou cristão em minha congregação. Ele foi criado num lar grego, tradicionalmente católico, mas nada disso importava para ele. Após concluir a oitava série, abandonou os estudos. Ele me disse que nunca tinha lido um livro. Então ele se tornou cristão, adquiriu uma Bíblia King James com letras miúdas e leu-a três vezes durante o primeiro ano de conversão. Gus estava correndo. Sua esposa, Mary, estava interessada, mas também confusa com tudo isso e me fazia muitas perguntas. Ela fora criada numa família presbiteriana, freqüentara a Escola Dominical durante todos os anos de infância e adolescência e estava acostumada com uma religião de definições e explicações. Quando suas perguntas tornaram-se difíceis demais para Gus, ele me convidou para ir ao *trailer* onde moravam para ajudá-lo. Numa noite, o assunto eram as parábolas — Mary não conseguia entendê-las. Eu estava tentando explicar-lhe como devia lê-las e como compreender o sentido, mas não estava me saindo muito bem. Gus interrompeu: "Mary, você tem de vivenciá-las e então compreenderá — você não pode compreendê-las do lado de fora, tem de entrar dentro delas; ou deixar que elas entrem dentro de você".

E Gus nunca tinha lido nenhuma obra de João Calvino.

O cristão litúrgico

Quero introduzir um termo que pode levar algum tempo para ser usado neste contexto: liturgia. Ao comermos esse livro, lendo, respondendo, obedecendo e orando, quando colocamos tudo em nosso interior e nos tornamos participantes do texto, precisamos de ajuda. Precisamos da ajuda de tudo e de todos ao nosso redor, pois não estamos engajados numa performance privativa e certamente não somos a estrela do *show*. Litúrgico é o termo que quero usar para definir a ajuda de que precisamos. A Bíblia deve ser lida liturgicamente.

Para evitar confusão, primeiro deixe-me dizer o que não quero dizer. Por liturgia não quero dizer o que ocorre no púlpito de uma Igreja Episcopal; não quero dizer a ordem do culto; não me refiro a togas e candelabros, incenso e genuflexão diante de um altar. A liturgia é usada apropriadamente em todas essas situações, mas quero dizer algo mais, estou me referindo a algo mais profundo, mais elevado e mais amplo.

O que quero fazer é recontextualizar nossa leitura da Escritura, nosso comer esse livro, numa enorme comunidade santa com outros. Há uma profunda e ampla comunidade de outros que também estão "à mesa" com esse livro. Cada vez que ele é assimilado em termos de formação, toda a comunidade — não é exagero dizer, todo o mundo — é envolvida e afetada. A história bíblica puxa toda a Comunidade Santa para dentro da história de forma participativa.

A liturgia é o meio que a Igreja usa para permanecer num contato vivo com a Comunidade Santa viva, enquanto esta está sendo formada pela Escritura. Assim, vou usar a palavra "liturgia" para me referir a essa intenção e prática dos cristãos de empurrar tudo, dentro e fora do santuário, para uma vida de adoração, situando todo o passado e presente coerentemente, como um ato de adoração. Assim, em vez de limitar a liturgia à ordem da comunidade em discretos atos de adoração, quero empregá-la de forma ampla e abrangente, enquanto aqueles que participam das ações iniciadas e formadas pelas palavras neste livro se espalham no espaço e no tempo, fazendo conexões, de modo que toda a nossa existência é compreendida em termos litúrgicos; isto é, conectada ao contexto da realidade compreendida pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo.

A tarefa da liturgia é ordenar a vida da Comunidade Santa, seguindo o texto da Sagrada Escritura. Ela é formada por dois movimentos: primeiro nos leva ao santuário, o local de adoração e atenção, de ouvir, receber e crer diante de Deus. Há muitos elementos envolvidos, todas as partes de nossa vida ordenadas em todos os aspectos da revelação de Deus em Jesus.

A seguir ela nos leva para fora do santuário, para o mundo, aos locais de obediência e amor, ordenando nossas vidas como sacrifícios vivos no mundo, para a glória de Deus. Há muitos elementos envolvidos, todas as partes de nossa vida participando na obra de salvação, para a glória de Deus.

Este é o tipo de coisa que João faz de forma tão impressionante no Apocalipse: nos apresenta tudo o que há — o mundo e nossa experiência nele, Cristo e todos os seus anjos, o diabo e todos os seus anjos, céu e inferno, salvação e condenação, congregações e impérios, guerra e paz, todas as coisas, visíveis e invisíveis, e pratica um ato de adoração depois de tudo isso. A seguir, ele mostra como tudo naquele ambiente de adoração se reflete no mundo. Não há neutralidades. Ninguém fica de fora, só observando.

Aquilo que João faz com extrema habilidade e mestria em Apocalipse, nós continuamos fazendo na Comunidade Santa.

A liturgia preserva e apresenta as Sagradas Escrituras no contexto da adoração e da obediência da comunidade cristã, que está no centro de tudo o que Deus já fez, está fazendo e ainda fará. A liturgia não permite que nos afastemos sozinhos com nossa Bíblia, ou selecionemos alguns dos nossos amigos para fazer estudo bíblico.

A prática litúrgica da Igreja nos apresenta às Sagradas Escrituras, lidas, ouvidas e cridas no contexto de tudo o que há.

A arquitetura é parte dela — o uso de pedra, madeira e vidro.

Cor — púrpura, verde, vermelho e branco — é parte dela.

Cânticos são parte disso — nossos hinos e cânticos, nossos instrumentos e corais.

Ancestrais são parte disso — os santos e eruditos que enriquecem nossas pregações e orações.

Oração é parte disso — oração individual e corporativa, expressando nossa resposta profundamente pessoal a Deus e a seu chamado para a missão.

Os vizinhos são parte disso — aqueles homens, mulheres e crianças com preferências e temperamentos diferentes dos nossos, muitos dos quais nós não gostamos muito.

E o tempo. A liturgia reúne a Comunidade Santa enquanto esta lê as Sagradas Escrituras em grandes ondas ritmadas do ano eclesiástico, nas quais a história de Jesus e a Igreja cristã propagam, século após século, o amplo e fácil ritmo interior de um ano que se move do nascimento, vida, morte e ressurreição do espírito, à obediência, fé e bênção. Sem a liturgia, perdemos o ritmo e acabamos emaranhados nas abruptas, anacrônicas e insensíveis campanhas de relações públicas, aberturas e encerramentos de aulas, bazares, prazos de pagamentos, inventários e eleições. O advento do Natal é sepultado sob a lápide das "compras de Natal". As alegres disciplinas de Lent são trocadas pelas ansiosas penitências do preenchimento de formulários de imposto. A liturgia nos mantém em contato com a história enquanto define e molda nossos começos e fins, nossa vida e morte, nosso renascimento e bênção nesta comunidade formada pelo texto, visível e invisível.

Quando a Sagrada Escritura é abordada liturgicamente, tomamos consciência de que muita coisa está acontecendo, muitas pessoas diferentes estão fazendo muitas coisas diferentes. A comunidade está a postos, trabalhando para Deus, ouvindo e respondendo às Sagradas Escrituras. A Comunidade Santa, no processo de ser formada pelas Sagradas Escrituras, está observando/ ouvindo a revelação de Deus tomar forma diante e dentro deles, enquanto seguem a Jesus, cada pessoa desempenhando seu papel no Espírito.

É útil lembrar que a palavra "liturgia" não se originou na Igreja ou nos ambientes de adoração. No mundo grego, ela se referia ao serviço público, aquilo que um cidadão fazia pela comunidade. Quando a igreja usava o termo em relação à adoração, ela mantinha essa conotação de "serviço público" — trabalhando em favor da comunidade ou seguindo ordens de Deus. Quando adoramos a Deus, revelado pessoalmente como Pai, Filho e Espírito Santo nas Sagradas Escrituras, não estamos fazendo algo à parte ou distanciado do mundo que não lê a Escritura; é exatamente o que nós fazemos pelo mundo — trazer toda a criação e toda a humanidade diante de Deus, apresentando nossos corpos e todas as belezas e necessidades da humanidade diante de Deus em oração e intercessão, penetrando e servindo o mundo por quem Cristo morreu no Poderoso Nome da Trindade.

A liturgia nos coloca para trabalhar ao lado de todos os outros que já foram e estão sendo colocados para trabalhar no mundo por e com Jesus, seguindo o texto formador da nossa espiritualidade. A liturgia nos mantém em contato com toda a ação que foi e que está sendo gerada pelo texto. A liturgia evita que a forma narrativa das Escrituras seja reduzida a um material de consumo privativo e individualizado.

Entendida dessa forma, "liturgia" tem pouco a ver com coreografia no púlpito ou um andamento estético do culto. É o ouvir obediente e participativo das Sagradas Escrituras na companhia da Comunidade Santa através dos tempos (nossos dois mil anos de resposta a esse texto) e do espaço (nossos irmãos em Cristo espalhados pelo mundo). A Igreja Episcopal, as igrejas Batistas renovadas, as mãos erguidas em louvor dos carismáticos, os Quakers sentados numa sala vazia em silêncio, todos precisam ler e viver esse texto liturgicamente, participando da leitura da Escritura Sagrada na Comunidade Santa. Não há nada "eclesiástico" ou elitista nisso; trata-se de um vasto e dramático "historiar", garantindo que estamos assumindo nosso papel na história e permitindo que todas as outras pessoas também tomem parte dela, garantindo que não deixaremos nada ou ninguém de fora. Sem o apoio e a estrutura litúrgica adequados, estaremos totalmente aptos a editar a história e cortá-la para que se encaixe em nossas preferências e predisposições individuais.

Espiritualidade virtuosa

Frances Young emprega a analogia ampliada da música e sua execução para ajudar na compreensão das complexidades inter-relacionadas da leitura e aplicação das Sagradas Escrituras, aquilo que eu chamo de "comer o livro". Seu livro *Teologia Virtuosa* busca aquilo que ela chama de "os complexos desafios envolvidos na busca da autenticidade da execução".[8] É a própria natureza da música que deve ser "executada". A execução, porém, não consiste em reproduzir corretamente as notas musicais conforme foram escritas pelo compositor,

embora isso esteja incluído. Todos reconhecem a diferença entre uma execução correta mas rústica do, digamos, Concerto N° 1 para Violino de Mozart e uma execução virtuosa de Yitzak Perlman. O desempenho de Perlman não se distingue meramente pela sua habilidade técnica na execução da composição de Mozart; ele entra maravilhosamente na composição e apreende seu espírito e energia — a "vida" — da partitura. Significativamente, ele não acrescenta nada à partitura, nem mesmo um "til". Apesar de poder afirmar razoavelmente que, com acesso às psicologias inter-relacionadas da música e da sexualidade, entende Mozart muito melhor do que Mozart entendia a si próprio, ele se contém; não faz nenhuma interpolação.

Uma das surpresas contínuas das performances musicais e teatrais é o senso de espontaneidade fresca que emana delas: a fiel atenção ao texto não resulta na escravidão e na obliteração da personalidade; pelo contrário, ela libera o que é inerente ao próprio texto enquanto o artista se apresenta, "...a música deve ser 'percebida' por meio da performance e da interpretação".[9]

O mesmo ocorre com a Sagrada Escritura. As duas analogias, executar a música e comer o livro, funcionam admiravelmente juntas. A complexidade da analogia da performance suplementa o aspecto terreno da analogia do comer (e vice-versa) ao dirigir a Comunidade Santa para entrar no mundo da Sagrada Escritura com atitude formativa.

Entretanto, se não "tivermos um *script",* expressão de Alisdair Mclntyre neste contexto,[10] passamos nossa vida toda como gagos ansiosos, tanto em nossas palavras quanto em nossas ações. Quando, porém, fazemos isso corretamente — executar a partitura e comer o livro — abraçando a Comunidade Santa que internaliza esse texto, somos levados à liberdade: *Eu me apresso em obedecer aos teus mandamentos porque assim tu me darás mais entendimento* (Sl 119.32, BLH).

Notas

Introdução

1. Austin Farrer, *The Glass of Vision* [*A visão do Espelho*] (Westminster, Dacre Press, 1948), p. 36.

2. Veja minha reformulação da disciplina clássica em "Caveat Lector", *Crux* (Março de 1996).

3. C. S. Lewis, *An Experiment in Criticism* [*Experimento em crítica*] (Cambridge: Cambridge University Press, 1961) p. 88. Lewis também ofereceu esta ilustração:

> Um [que recebe] é como alguém que é levado para um passeio de bicicleta por um homem que conhece estradas que ele jamais explorou. O outro (que usa) é como alguém que instala um pequeno motor em sua própria bicicleta e então anda por uma estrada que já conhece".

Capítulo 2

1. Wendell Berry, *Collected Poems* [*Poemas Escolhidos*] (San Francisco: North Point Press, 1985), pp. 190-191.

2. Henry David Thoreau, *Walden* (New York: New American Library, 1960), p. 7.

3. Hans Urs von Balthasar, *The Glory of the Lord* [*A glória do Senhor*], Volume 1: *Seeing the Form* [*Volume 1: Vendo a forma*] (San Francisco: Ignatiaus Press), p. 151.

4. von Balthasar, *The Glory of the Lord,* p. 550.

5. Walter Brueggemann, *Theology of the Old Testament* [*Teologia do Antigo Testamento*] (Minneapolis: Fortress Press, 1997), p. 206.

6. Há uma congruência entre a Santa Trindade tri-pessoal, originando presença abrangente e coerente (como notado na primeira aula), e a forma narrativa que resulta dela em nossa Escritura. Dorothy Sayers é rica em *insights* sobre isso em sua obra *The Mind of the Maker* [*A mente do Criador*] (San Francisco: Harper & Row, 1941).

7. Northrop Frye, *The Great Code* [*O grande código*] (New York: Harcourt Brace Jovanovich, Publishers, 1982), pp. 209-9.

8. Ellen Goodman, *The Baltimore Sun,* 15 de junho de 1979.

9. Eu sugeri vários comentários que aprecio profundamente no Capítulo 15 de *Take and Read* [*Pegue e leia*] (Grand Rapids: Eerdmans, 1996).

10. Robert Browning, *The Poems and Plays* [*Poemas e peças*] (New York: The Modern Library, 1934), p. 169.

11. Marianne Moore, *The Complete Poems* [*Poemas completos*] (New York: The Macmillan Company, 1967), p. 84.

Capítulo 3

1. G. K. Chesterton, *Orthodoxy* [*Ortodoxia*], New York: Image Books, 1959), p. 61.

2. Dietrich Bonhoeffer, *Meditating on the Word* [*Meditando na Palavra*], Ed. David Mcl. Grace (Cambridge, Mass.: Cowley Publishers, 1986) pp. 13,14.

3. Walter Brueggemann, *Theology of the Old Testament* [*Teologia do Antigo Testamento*], (Minneapolis: Fortress Press, 1997), p. 3.

4. Mark Coleridge, Life in the Crypt or, Why Bother with Biblical Studies, [Vida na cripta, ou Por que se preocupar com estudos bíblicos], Biblical Interpretation 2 (Julho de 1994), p. 148.

5. Brueggemann, p. 55.

6. Karl Barth, *The Word of God and the Word of Man* [*A Palavra de Deus e a Palavra do Homem*], trad. Douglas Horton (Gloucester, Mass: Peter Smith, 1978) [Publicação original alemã, 1924).

7. João Calvino, Institutas da Religião Cristã.

8. Frances Young, *Virtuoso Theology* (Cleveland: The Pilgrim Press, 1993), p. 21.

9. Young, p. 22. A analogia da "performance" também foi usada efetivamente por Nicholas Lash, "Performing the Scriptures" em *Theology on the Way of Emmaus* [*Teologia no Caminho de Emaús*], SCM, 1986 e Brian Jenner, *Music to the Sinner's Ear/* [*Música para o ouvido do pecador*], Epworth Review, xvi (1989), p. 35-8.

10. Alistair McIntyre, *After Virtue* [*Atrás da virtude*] (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1981), p. 216.

Atualmente, muitas pessoas estão questionando
a autoridade da Bíblia sobre suas vidas, com o argumento
de que ela é restritiva, de curta visão, e que tem sido utilizada
para impor uma cosmovisão paternalista.
Com base neste ponto de vista, a pergunta que surge é:
nós, cristãos, que temos obedecido
à Palavra de Deus durante mais de dois mil anos,
não corremos também o risco de ficarmos imbuídos
de um estilo de vida opressivo e obsoleto?
A resposta é não! Não necessariamente, de acordo com
Eugene Peterson, em *Coma este Livro*.

Em *Coma este Livro*, Peterson questiona a prática
tão difundida de colocar as experiências pessoais
como autoridade máxima para a espiritualidade.
Ele nos chama de volta para as Escrituras e nos ensina
a "comer" a Bíblia não como críticos ou estudiosos,
mas como participantes.

Textus

ISBN 85-87334-76-X

9 788587 334763